

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

Banheiros Públicos: Os bastidores das práticas sexuais

Francisco Sales da Costa Neto.

Natal-2005

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTE.
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS
Francisco Sales da Costa Neto

Banheiros Públicos: Os bastidores das práticas sexuais.

Dissertação apresentada ao programa de pós-graduação em Ciências Sociais, na área de concentração Cultura e Sociedade, do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito para a obtenção do título de mestre.

Orientadora: Elisete Schwade

Natal-2005

Catálogo da Publicação na Fonte. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
Biblioteca Setorial Especializada do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes – CCHLA.

Costa Neto, Francisco Sales da .

Banheiros públicos : os bastidores das práticas sociais / Francisco Sales da Costa Neto. – Natal, RN, 2005.

132 f.

Orientadora: Profª Drª Elisete Schwade.

Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Área de Concentração: Cultura e Sociedade.

1. Homoerotismo – Dissertação. 2. Apropriação – Dissertação. 3. Práticas sexuais – Dissertação. I. Schwade, Elisete. II. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. III. Título.

RN/BSE-CCHLA

CDU 392.6(043.3)

Profa. Dra. Elisete Schwade

Prof. Dr. Alípio de Sousa Filho

Prof.Dr. Carlos Guilherme do Valle

Profa. Dra. Elisabete Coradini

Este trabalho é dedicado para uma pessoa muito importante: Luciana Medeiros, novamente...a você, eu dedico.

Como qualquer uma dissertação, as dívidas que adquiri pelo processo de ingresso na pós-graduação até a sua conclusão para com as pessoas e instituições são grandes. Porém, existem aquelas que são mais destacadas. Durante todo o período, várias pessoas colaboraram de uma forma direta ou indireta com o trabalho que apresento agora, e as dívidas emocionais e intelectuais podem ficar por demais longas, por isso escolhi algumas.

Na UFRN, agradeço ao programa de Pós-graduação em Ciências Sociais pela oportunidade, bem como aos Departamentos de Antropologia e Ciências Sociais. Devo agradecimentos especiais ao grupo de Gênero e ao projeto de extensão: itinerários antropológicos para pesquisa visual.

Na CAURN, agradeço a todas as amigas que ajudaram-me constantemente na torcida pelo trabalho final.

Agradeço especialmente a Israel por ter me fornecido o material da área de literatura. Uma contribuição valiosa para um novo olhar sobre as práticas sexuais em banheiros.

Agradecimentos muitos especiais a Paulo Marcelo, Gilvan e Heider pelas conversas sempre pontuais sobre o tema. De certa forma, as conversas com os amigos se tornavam uma espécie de orientação.

A bibliotecária Angélique que pacientemente me mostrou as maneiras corretas das citações e referências.

Agradecimentos especiais, muito especiais também aos zeladores dos banheiros, aos *habitués* e demais frequentadores que se dispuseram a fornecer as informações sobre as práticas sexuais em banheiros públicos.

Sou especialmente grato a Heverton Duarte, seu José Mendes e Flávio Freire pela amizade e revisão gramatical.

Agradecimentos muito, muito especiais também a Marco Alexandre pela diagramação da capa e das fotos. O seu jeito paciente me ensinou muito.

Agradecimento pelo constante zelo da professora Elisete Schwade que soube fazer uma orientação rica e significativa para esse trabalho. Você contribuiu e me ensinou pelo exemplo, o que significa ser um antropólogo com a pesquisa.

*“Um lugar conhece outro é por calúnias e falsos levantados;
as pessoas também nesta vida” (GUIMARÃES ROSA)*

RESUMO

A presente dissertação procura descrever as interações, denominadas de *pegações* no meio homossexual, existentes nos banheiros públicos da UFRN. Os mesmos são apropriados por práticas sexuais entre alguns de seus freqüentadores. A observação participante possibilitou a realização de uma descrição sobre como as interações ocorreram entre os freqüentadores dos banheiros. Pesquisamos o processo de paquera que acontece pela a aproximação do local, as posições adotadas, a aproximação até chegarem a consumação da prática sexual. Também traçamos um itinerário dos *habitués* pelos banheiros mais usados. Associamos a pesquisa com as mensagens escritas nas portas e cabines que são veículos de contatos entre os freqüentadores. Assim, buscamos interpretar os significados das interações existentes nos banheiros públicos da UFRN.

Palavras Chave: Práticas Sexuais – Homoerotismo e Apropriação.

SUMMARY

This dissertation tries to describe the interactions called “pegações” in the homosexual milieu that exist in the public bathrooms in UFRN. They used for sexual practices by some of their users. The participating observation made it possible a discription concerning how the interactions occur among the bathrooms users. We researched the flert process that happens around the place, the poses they strike, the approach, until they get to the sexual practice. We also traced their route through the most used bathrooms. We associated the research the messages written on the doors and cabins that are means of contact among the users. So we tried to interpret the meanings of the interactions that exist in the public bathrooms in UFRN.

Key words: Sexual pratics – Homoeroticism and appropriation

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I – O banheiro público como campo	16
CAPÍTULO II – As interações homoeróticas nos banheiros da UFRN	36
CAPÍTULO III – Uma construção das práticas homoeróticas	89
CONSIDERAÇÕES FINAIS	105
REFERÊNCIAS	110
ANEXOS	114

UMA INTRODUÇÃO, como de costume.

Esta dissertação tem por base as interações ocorridas em banheiros públicos de grande movimentação, destacando particularmente os banheiros masculinos localizados na UFRN, em Natal - RN. Esses têm sido locais escolhidos para encontros sexuais, especificamente os homoeróticos. Assim, percorremos os banheiros fazendo o itinerário de cada um deles, observando o modo como as pessoas interagem neles à procura de práticas sexuais, as conexões de um banheiro para outro e etapas que ocorreram na apropriação deles para os atos homoeróticos em momentos furtivos.

Nossas primeiras formas de aproximação buscavam perceber os veículos da interação entre os frequentadores nos banheiros. Partimos de uma observação dos grafites deixados nas paredes e portas; fizemos uma catalogação das mensagens e, em seguida, registramo-las, através de fotografias. Nossa intenção era guardá-las como documento para um aprofundamento posterior da investigação.

Porém, depois, resolvemos manter contatos com as pessoas que deixavam seus telefones e endereços eletrônicos nas portas e paredes. Muitas mensagens com telefone e endereço eletrônico são apagadas com o tempo, enquanto outras novas são deixadas. Os resultados desses telefonemas não foram muito proveitosos, uma vez que as pessoas contatadas se recusaram a conversar, quando lhes informava que se tratava de uma pesquisa. Não obstante, foi possível, por meio destes contatos, obter informações em conversas informais e algumas entrevistas.

Após estes primeiros contatos, realizamos uma observação direta nos banheiros. A partir da realização da etnografia, abriu-se um leque de informações e dados que foram constituindo o material que compõe esta dissertação. Com o andamento da pesquisa e das

discussões sobre os dados coletados, optamos por direcionar o trabalho para as práticas sexuais no banheiro. As mensagens, repletas de significados, foram os primeiros indícios da apropriação dos espaços nas quais são veiculadas para práticas sexuais.

O exercício de observação foi determinante para o foco da nossa pesquisa: as práticas sexuais entre os frequentadores. Foram meses de uma atividade ao mesmo tempo exaustiva e gratificante. A realização da pesquisa envolvendo as práticas sexuais apresentou uma série de dificuldades. A começar, pelo tema, envolvendo questões consideradas da ordem do privado, relacionadas à intimidade, à sexualidade. O uso do caderno de campo foi fundamental para o registro de aspectos e acontecimentos que, vistos sob um olhar distanciado, contribuíram para iluminar significados associados às interações homoeróticas nos banheiros.

Quanto ao perfil dos informantes, trata-se de um grupo transitório e heterogêneo no que se refere à faixa etária, atividades profissionais e atividades que estabelecem a relação com o espaço alvo da nossa observação – banheiros públicos da UFRN. O que os une são as múltiplas possibilidades de vivência da sexualidade, particularmente as práticas homoeróticas. Ao final da pesquisa, acumulamos quatorze entrevistas, acrescidas às observações de campo.

Como uma forma de preservar a privacidade das pessoas envolvidas no trabalho de campo, tomamos emprestado o termo *habitué*¹ do antropólogo Perlongher (1987, 170) para nos referirmos aos assíduos frequentadores dos banheiros que procuram por parceiros sexuais. Numeramos os *habitués* que se dispuseram a fornecer informações mais

¹ Aproveitando a definição de Perlongher (1987, p.170) buscamos, neste caso, associa-la as pessoas que vão aos banheiros especificamente em busca de práticas sexuais e as que deixam mensagens no ambiente. O uso do termo resguardar os nomes das pessoas envolvidas na pesquisa e que se prontificaram a dar informações necessárias. Assim, alguns foram numerados devido a se prontificarem a dar informações detalhadas enquanto os *habitués* sem número são só registros de nossas observações livres.

detalhadas. Outros serão apenas citados por participarem dos encontros sexuais sem fornecerem informações nem deixarem ocorrer aproximação.

No capítulo I, levantamos debates e reflexões históricas e sócio-culturais acerca dos banheiros. Reunimos contribuições de pensadores como Norbert Elias e Michel Foucault para as análises das relações de moralização e condutas das pessoas na sociedade. Aliadas a essas questões, expusemos algumas pesquisas pertinentes acerca da apropriação do espaço público para diversos usos, entre eles, o sexual. Buscamos considerações conceituais a partir do estigma (GOFFMAN, 1975). A prática sexual em si não seria considerada uma violação; mas, associada ao local onde ocorre, passaria a ser considerada um ato estigmatizante.

No âmbito do homoerotismo, escrevemos sobre pesquisas feitas envolvendo as relações homoeróticas em espaços públicos. O conhecimento da existência de uma rede de áreas públicas que abrigam encontros sexuais e o envolvimento de homens pôde ajudar-nos a situar os banheiros públicos nesse circuito.(POLLACK, 1983); (HUMPHREYS,1973)

Nos trabalhos sobre grafites, buscamos revelar as mensagens deixadas nos banheiros como elemento dessa interação homoerótica entre seus freqüentadores. Poucos trabalhos sobre grafite buscaram mostrar conotações sexuais, em especial a homoerótica. Entretanto, as mensagens deixadas nos banheiros são, em sua maioria, feitas para encontros sexuais.

No capítulo II, encontra-se a descrição etnográfica e um conjunto de informações coletadas durante o período em que realizamos a observação. Revelamos os meios que utilizamos para a nossa inserção junto aos freqüentadores, os embates para uma convivência às vezes hostil, e outras, amigável. Descobrimos as formas de traçar a aprendizagem de encontros sexuais ocorridos na condição de silêncio primordial, de

movimentos certos de ver e se posicionar, necessários para com o outro dentro do banheiro público. É uma descrição que relata acontecimentos e histórias envolvendo os frequentadores. Traça o modo de vivência da sexualidade dos mesmos dentro dos banheiros e as possibilidades de interações com outro pela movimentação dentro do banheiro, através da exposição da genitália para a constituição da relação sexual anônima.

Neste mesmo capítulo, também escrevemos sobre as manifestações dos desejos sexuais entre aqueles que deixam suas mensagens, endereços e telefones. Fizemos uma análise dos escritos sobre as preferências, as revelações e as confissões sexuais encontradas pelas portas e paredes. Retratamos uma cartografia das práticas sexuais expostas nos banheiros, enquanto fazem uma interação entre os frequentadores e facilitam os encontros em outros locais. Notamos que algumas mensagens escritas veiculam uma reprodução dos estigmas das relações sociais, tanto no assumir o rótulo, como na estigmatização dos outros (GOFFMAN, 1975).

Os contatos foram feitos de várias formas. Eventualmente ficávamos por horas num só banheiro. Dessa maneira, coletamos várias informações condizentes. A nossa permanência necessitava de uma conversa preliminar com o zelador e lá dentro teríamos uma postura comum a alguns frequentadores. Seria a postura de *voyeur* nas dependências do banheiro, ou simplesmente ficar na cabine. Outra forma de contato foi escrever nome e endereço nas paredes e portas para recebermos propostas de contatos, como também telefonamos e escrevemos para os nomes encontrados nos ambientes.

No capítulo III, focalizamos as práticas homoeróticas dentro de um processo de visibilidade social. De início, faremos uma exposição sobre a atividade sexual e, posteriormente, refletiremos sobre os encontros sexuais em banheiros públicos. Destacaremos as especificidades que permeiam o homoerotismo, entre os frequentadores

deles e as possibilidades que se formam nessa interação, tentando expor o que isso nos mostra em relação à sexualidade. Utilizamos os conceitos de Costa (1992), Fry (1982) e Giddens (1992) para o debate em torno das relações homoeróticas.

Nas considerações finais, fizemos reflexões da maneira como ocorre o depois das práticas sexuais. Seria a desapropriação do espaço e o retorno a sua função básica, a volta à normalidade do banheiro. Assim como as mensagens que ganham destaque e com um tempo são apagadas para o aparecimento de novas, os banheiros públicos estão numa dinâmica de apropriação e desapropriação. Também apontamos para o tema com outras possibilidades de análise que enriqueceriam a pesquisa.

1.1- CAPÍTULO I - O BANHEIRO PÚBLICO COMO LOCUS DE INTERAÇÃO

A colocação de um banheiro coletivo no estabelecimento é um desafio para quem pensa sobre os espaços públicos, como é também a própria estrutura interna dentro dele, pois o mesmo deve ser minimamente planejado e calculado pelos engenheiros, arquitetos e urbanistas. Outras tecnologias são associadas ao mesmo: a hidráulica, de esgoto e elétrica. Depois de pronto, o banheiro será usado por todas as pessoas que freqüentam aquele espaço coletivo.

O ato de ir ao banheiro, por si só, é uma atividade cultural compreendendo valores e significados históricos. Usamos os banheiros para realizarmos as nossas necessidades fisiológicas e higiene do corpo. Depois, o ambiente deve ficar limpo. A porta de acesso será a proteção que nos leva a ter uma certa conduta naquele lugar.

A própria distribuição do espaço interno, com seu ambiente revestido de azulejos, cabines, um urinol e pias com um espelho, pode condicionar a conduta das pessoas dentro dele. Essa disposição está cheia de dados a um observador das questões sociais. Mas a arrumação das pias, sanitários, cabines e urinol e a estrutura e conservação dentro dos banheiros são os motes iniciais para averiguar as relações sociais realizadas por seus freqüentadores.

Lembremos os sanitários sujos e as pias quebradas para considerar o banheiro de má conservação e impróprio para o nosso uso. Uma grande gama de significados e razões sociais aparece para que transformemos o banheiro num local de escolha para onde não irmos. No banheiro, são percebidos os modos de usá-lo e a forma certa de limpeza do corpo a ser feita. As práticas higiênicas reúnem os atos de excreções e a possibilidade de exposição do corpo para práticas sexuais. Nos mictórios masculinos, a aproximação com o

outro pela exposição dos genitais é mais visível; até mesmo a cautela de não mostrá-los revela uma comunicação corpórea entre os freqüentadores.

A intimidade realizada no banheiro, o urinar e o defecar, feita em um ambiente de uso público, leva-nos a uma conduta social ao mesmo tempo em que nos revela a natureza e as funções biológicas do corpo. O ser humano, nesse momento, exercita toda uma postura social e se posiciona para realizar as necessidades fisiológicas. Os significados evocados das posturas estarão na condição cultural que tais atos contêm um valor para ser vivenciado naquele momento.

Na nossa sociedade, grande parte das pessoas só consegue fazer as necessidades fisiológicas de maneira isolada e na privacidade. Porém somos seres circunscritos em valores sociais de que, nem nesse momento, podemos nos livrar. É nessa ocasião que também exprimimos a nossa condição social que não expressaríamos diante dos outros.

A concepção do que é íntimo é arbitrária em cada cultura. Esta é muito importante para entendermos a visão sobre práticas sexuais em banheiros públicos e nos auxilia na nossa investigação. Assim, a privacidade tem suas condições históricas e culturais; serve para perceber as formas de se relacionar existentes em cada cultura e em determinadas épocas históricas das sociedades.

A privacidade de uma pessoa no Ocidente está associada a questões sobre o pudor, o grau de envolvimento, considerações sobre o que é público e o que é socialmente aceito. Assim, sendo o resultado de uma série de disciplinas corporais adquiridas pela socialização do indivíduo, compreenderemos a formação social da intimidade de duas pessoas a partir do que ambas vivenciam em conjunto, ao longo de um tempo de relacionamento. Dessa forma, o ato sexual adquiriu uma condição na modernidade ocidental de uma situação privativa entre as pessoas que se conhecem ao longo de um período.

Norbert Elias (1994) descreve como as noções de intimidade formam-se para dar base à razão e à função do modo de ser pessoa na sociedade. Há, portanto, um processo de aprendizado para os contatos públicos com as pessoas, como também a exclusão de outras. Haja vista que o conduzir-se e falar de maneira adequada em locais coletivos vira sinônimo de civilizado e possuidor de hábitos corretos. Nessa política difusa de valorização das condutas certas nos espaços é que as práticas sexuais nos banheiros públicos se constituem numa subversão da ordem. Os encontros entre pessoas para prática sexual surgem como forma de contato com o outro desconhecido e de maneira subversiva às normas sociais instituídas.

As práticas sexuais em ambientes públicos podem agregar pessoas sem ter as implicações de um contato demorado num certo período de tempo. Nessa condição, as pessoas buscam registrar na sua vida a transgressão da ordem naquele local, além de encontrar pessoas semelhantes ao seu estilo de viver e que queiram partilhar aquele momento.

O banheiro público é transformado, assim, em local de encontro de intimidades específicas. As práticas fisiológicas podem nos levar para a procura do outro, não para compartilhar as posturas corporais e a higiene, mas para dimensionar aquele local e instante pelo ato sexual. Neste trabalho, procuramos analisar os contatos íntimos das pessoas que freqüentam os banheiros masculinos, mais especificamente aquelas que fazem atos sexuais.

No banheiro público, a prática sexual torna-se algo a ser partilhado com os demais e é nesse momento que alguns freqüentadores aproveitam a oportunidade para expressarem seus desejos, num exercício de participação com todos. Quando ocorre o encontro de dois ou mais freqüentadores dispostos para a prática sexual, inicia-se a transformação do banheiro, que passa a ser um local de encontro sexual. Dentro de um movimento volátil e

fluido, as pessoas se posicionam e se olham em sua dependência, até descobrirem os desejos sexuais dos outros.

A partir de um levantamento bibliográfico sobre a história da vida privada (VEYNE,1992) dos banhos públicos na Antiguidade, na cultura grego-romana, podemos construir certa genealogia do banheiro e dos seus usos na atualidade. Outras culturas tinham costumes similares nessa prática. O importante é perceber como a noção de espaço de limpeza corporal, neste caso os banhos públicos no passado, e o banheiro público masculino na atualidade, mantêm-se como elemento de encontro social. No passado antigo, os banhos públicos faziam parte das inúmeras vantagens de se viver numa cidade, assim também como os espetáculos de arena, os circos e os teatros.

Devemos observar que os banhos públicos eram pagos com uma pequena quantia em dinheiro. Horas antes de sua abertura, um gongo tocava anunciando o início de seu uso. Desse anúncio, formavam-se filas nas portas. A prática de ir aos banhos públicos não era feita por todos os habitantes. Os cristãos e pensadores se recusavam à ida para esses ambientes como prova de exercício da austeridade de que se gabavam, embora houvesse admoestações dos filósofos acerca do uso correto:

“[...] Em Óstia, afrescos mostram filósofos, que se fazem chamar mestres na arte de viver, oferecendo aos clientes sentados severos conselhos gnomicosa sobre a maneira de defecar corretamente!” (BROWN, 1995, p. 240)

Quando começaram a existir, esses estabelecimentos apresentavam modestas instalações. Com o desenvolvimento das cidades, na Antiguidade, acabaram sendo edifícios de banho, bastante suntuosos. Cada cidade possuía um aqueduto para fornecer água das fontes às casas termas. Em alguns banhos públicos, tinha-se latrina; mas isso não era uma

constante nesses edifícios. Os nobres podiam possuir uma terma com várias salas arrumadas, decoradas e aquecidas. Havia ambientes decorados e arrumados com afrescos e pinturas. Também os plebeus tinham condições de desfrutar de um banho público de luxo, que era obra benfeitora das autoridades locais.

Outras instalações foram sendo agregadas aos banhos públicos, como ginásios e jardins. Se plebeus e nobres partilhavam do mesmo espaço, homens e mulheres ficavam isolados dentro dos banhos públicos. São datados pelos historiadores sete séculos de evolução dos banhos públicos. Como afirma Brown (1995, p.194):

Do edifício funcional ao palácio de sonhos, no qual esculturas, mosaicos, pinturas, arquiteturas suntuosas oferecem a todos o esplendor de um ambiente real.[...]o maior prazer era o de estar na multidão, gritar, encontrar pessoas, escutar conversas, saber de casos curiosos que seriam objetos de anedotas e exhibir-se.

Poucas mudanças ocorreram no decorrer dos séculos em relação às casas de banhos e ao seu uso como locais de encontros coletivos. Porém, no século XVIII, as reformas higienistas e sanitárias nas cidades urbanas e industriais foram importantes para uma nova configuração desses espaços, tanto no âmbito público, como doméstico. Na casa, a sala de banho torna-se local de isolamento da pessoa dos demais membros da família e lá poderá se lavar e fazer sua higiene. Afirma Vincent (1995,p. 308):

O banheiro aparece entre a burguesia por volta de 1880: é o local mais secreto da casa onde a pessoa, liberta de seus corretivos (cinta, espartilhos, peruca, dentadura, etc), finalmente pode-se ver, não em sua aparência social, mas totalmente despida. Momento às vezes penoso, hoje imposto a todas as classes sociais: (O INSEE nos informa que em 1980, 80% das casas possuem uma sala de banho ou um banheiro com ducha. Talvez as pessoas usem o banheiro mais para se olhar do que para se lavar.

Em a *Microfísica do poder*, Foucault (1979) descreve o papel da Medicina do século XVIII. Afirmar que a Medicina torna-se responsável na condução da política de saúde que tinha como base uma nova família para aquele contexto. Esta família seria uma base relacional e complementar para as pessoas; no entanto, esse complementar tanto se refere a pessoas similares, como diferentes. Assim, reconstroem-se também as diferenças de se relacionar com os novos cidadãos em ambientes públicos.

O banheiro doméstico surge nessa época com a função de ser um local para o exercício da privacidade das pessoas. As mesmas atribuem significados e ações que estão envolvidos com a noção de intimidade no cotidiano dos membros da família. Assim, as pessoas usam o banheiro doméstico com um sentido singular de privacidade. A partir do momento em que vão utilizar um banheiro público, ressignificam-no; compreendem o encontro com os outros e também exercitam uma privacidade no coletivo. Portanto, o banheiro público torna-se um lugar ambíguo de ser: ao mesmo tempo um local de uso coletivo e privado da pessoa. Trata-se de um espaço cuja função de higiene remete ao uso dos órgãos genitais para a secreção e fluido, mas que podem tornar-se também de prática sexual.

As táticas biomédicas, tecnológicas e arquitetônicas iriam permitir uma nova redefinição dos banheiros públicos contra as epidemias e moléstias, mas também para com o outro presente. A assepsia dos sanitários coletivos usados pela maioria da população urbana foi um discurso recorrente, entre outros, pelas autoridades, contra as doenças coletivas. Isto quer dizer que a pessoa vai estabelecer um novo tipo de relação consigo mesma, dentro de um processo que se vai refletir na nova abordagem do corpo, de domesticá-lo e normalizá-lo aos espaços, emerge um novo comportamento e moralização

da população, em um proceder baseado na saúde, legitimado na limpeza pela Ciência e pela Medicina, adquirindo eficácia moral.

Em *O Processo Civilizador*, Norbert Elias (1994, p. 135-143) explicita as questões sócio-educativas relacionadas com o ato de urinar e defecar, que se tornaram importantes acerca da história de como se conduzir e se comportar em tais situações. De forma gradual e dispersa, foi sendo construída uma conduta de recato das pessoas, quanto a seu condicionamento e adestramento dentro de um processo civilizatório, conforme aos costumes padronizados pelas cortes imperiais.

As pequenas noções desses comportamentos visavam combater os que não obedeciam às normas estabelecidas. Assim, ao urinar ou defecar em ambientes públicos temos uma carga cultural construída historicamente. Esses atos cumprem uma etiqueta de educação silenciosa: não se deve falar, nem cumprimentar ninguém; caso encontre, como também fazer as necessidades fisiológicas, na privacidade, sem a companhia de outros e sem tê-los à vista, observa o autor.

Assim, ficou desonroso o contato com outros no momento de urinar e defecar. Esta condição presente tem implicações culturais. Se notarmos uma pessoa utilizando a rua para as atividades de excreção, levamos em conta a contaminação da rua pela noção de sujeira que vem ao vermos as fezes e urina. Mas também temos à vista os órgãos genitais e, a partir dessa exposição, a sugestão de prática sexual.

1.2- IMPUREZA, ESTIGMA E INTERAÇÕES

A obra antropológica clássica *Pureza e Perigo*, escrita por Mary Douglas, constituiu-se em uma contribuição para a nossa análise, por refletir sobre as condições de ser e estar puro e impuro, em relação às secreções e fluidos da pessoa. A autora busca explicar, por

uma ordem lógica e classificatória das culturas, os excrementos e secreções de forma geral e direcionada às atividades corporais. A lógica se daria evidentemente na dicotomia da pureza-ordem e da mistura-desordem. Os excrementos e fluidos saídos do corpo são elementos que se instalam na cultura, dentro de uma condição regular, de forma valorativa; o que seja o puro e o poluído (DOUGLAS, 1978).

Considerando a análise de Mary Douglas, podemos ver no caso do próprio sêmem advindo das práticas sexuais em banheiros como fluido impuro e poluído, pois o esperma fluiu num ambiente onde são depositados outros elementos considerados sujos, dentro de uma ação de desordem. Não seria ele, em si, elemento impuro, mas o contexto em que apareceu, o envolvimento que provocou seu fluxo. Na desordem em que é considerada a prática sexual, esse fluido passa a ter a condição em que se inscrevem a urina e as fezes deixadas no banheiro público.

Com o exercício da relatividade antropológica na cultura, podemos mostrar que elas conseguem se articular com os demais elementos e instâncias simbólicas da nossa realidade. Comparadas a outras sociedades, mostram que o puro e o poluído são noções sociais construídas no tempo e no espaço específicos.

A urina, [...], foi a primeira forma de sabão para muitos povos. Ainda hoje, esquimós a empregam para lavar utensílios de cozinha ou para limpar a boca depois de comer; índios norte-americanos urinavam-se uns sobre os outros antes do banho; mulheres em vários países usavam-na até há poucas décadas[...] para limpeza e maciez das mãos. Pescadores e lenhadores urinam nas mãos para esquentá-las. Entre os cidadãos do Império Romano, a urina era fixador eficaz para o tingimento de tecidos. Há casos recentes registrados do uso de urina como veículo alucinógeno; ou de uso pela medicina popular, para cicatrização de feridas com ação antisséptica. Em alguns outros países, ela é usada como tônico e estimulante.[...] Não deveriam nos surpreender essas mil e uma utilidades, se encarássemos neutramente a urina, um composto químico [...] e uma matéria-prima potencial, extremamente barata e prontamente disponível. Da mesma forma, podem ser relacionadas algumas [...] atitudes positivas relacionadas às fezes. “Entre os tibetanos e mongóis, por exemplo, as

fezes do Dalai Lama eram veneradas como amuletos, dentro de uma pequena bolsa”. Em seitas hindus, comiam-se as fezes da vaca sagrada, como poção mágica para garantir *pureza*. [...] Sem contar os casos em que ela é usada como combustível [...], como repelente de insetos (em higiênicos espirais), como fertilizante natural. (BARBOSA, 1984, p. 57-58)

O urinar e o defecar são tidos como atividades repugnantes. Tais atos tornam-se ofensivos e chegam a ser usados em expressões de humilhação entre as pessoas. Os profissionais que trabalham com a limpeza das latrinas e urinóis são considerados, pelas atividades que exercem, como pessoas de condição inferior, pois lidam com as fezes e as urinas deixadas pelos outros. A partir dessa atividade, ganham um estigma. Mas não só os zeladores estão na ótica da estigmatização social.

O encontro dos frequentadores no banheiro deve ser feito com cautela de contatos. Quando estão neles, os usuários procedem numa comunicação sem toques corporais, pois podem contaminar os outros pelo contato. Assim, fica associada ao mictório público a condição impura com um valor estigmatizado.

François Heritier (1996) faz uma extensa análise relacional das posturas corporais na cultura. A antropóloga investiga e dá uma ordem de classificações para o masculino e o feminino das culturas.

Ela observa como o corpo está sendo utilizado, obedecendo a duas posturas culturais importantes para o imaginário: o ficar de pé para urinar (nesse caso, o homem) e de cócoras para o defecar e urinar (nesse caso, a mulher). Tais posturas se instalam no estudo da Antropologia estruturalista como elementos de valores masculino e feminino. Percebemos que, no exato momento em que a pessoa vai ao sanitário, e põe-se em pé, de cócoras, (ou sentado), isto é também um exercício de poder invocar posturas que estão além

das necessidades fisiológicas. Assim, nessas posturas corporais, pode residir a instauração de uma ordem do desvio.

Os homens, ao fazerem atos sexuais dentro do banheiro, possuem uma condição rotulada por outros freqüentadores de transgressores e desviados das normas sociais. Na perspectiva sociológica sobre o que seja desvio, Goffman (1975) e outros autores compõem e constroem um conjunto de conhecimentos intitulado “teoria interacionista do desvio”. O conceito e contribuição dos referidos teóricos sobre interação nos auxiliam para a análise do comportamento, considerado desviante, dos freqüentadores dos banheiros públicos.

A estrutura teórica define o desvio a partir de quem se expõe à norma transgredida. Assim, surge a noção de rótulo (*label*) tanto quanto a noção de interação. Ambas são centrais para a compreensão da especificidade pesquisada. O desvio da relação sexual entre homens, no mictório, deixa de ser considerado uma característica intrínseca da pessoa e vai ser visto como mudança, passando a ser observado como rótulo atribuído, um estigma de um grupo para outro. Neste caso, trata-se das pessoas consideradas “corretas” contra as “desviantes”, numa determinada situação, vista dentro do banheiro público.

O tipo de formulação sobre o desvio e o desviante conduz a uma relativização da própria noção, deslocando-a da condição moral e buscando-a como um aspecto para a totalidade social. Ela, por sua vez, supõe a existência de grupos distintos na função simbólica e de poder, em relação às regras dominantes nas relações sociais. Isto quer dizer que não existem fronteiras e territórios tão nítidos entre os grupos, mas definições de forças que se traduzem em relações de dominação e subordinação. A acusação é um elemento definidor dos limites. Essa divergência e atrito são o que garante o fenômeno da manipulação de valores e normas, tanto nas particularidades, quanto na função de seus interesses. (PEREIRA et alli, 1984.p. 109)

O que queremos refletir através da teoria exposta é a rotulação das práticas homoeróticas nos banheiros públicos. As atribuições valorativas advêm de uma qualidade relacional de quem rotula com quem está sendo rotulado. Não estariam numa condição de confronto, mas de embates de valores relacionados a um contexto mais amplo que envolve a esfera do poder e da simbologia dos grupos.

Um dos tantos estigmas postos para com os praticantes de atos sexuais em banheiro público masculino é a promiscuidade - um termo um tanto difícil de ser atribuído a uma pessoa só pelo fato de ter várias relações sexuais em mictório público. É somente o contexto de interação que vai legitimar o estigma de promíscuo como desviante, tanto por situá-lo em uma realidade específica, quanto por determinar os envolvidos.

A própria teoria está propensa a receber novas considerações e críticas sobre suas análises. Acerca disso, o antropólogo Nestor Perlongher (1987,p.192) descreve alguns comentários pertinentes na própria condição do desvio:

Um dos impasses das teorias do desvio e da identidade reside na sua dificuldade em lidar com a “duplicidade estrutural” característica de muitos dos participantes do submundo “desviante”. As discussões acirram-se em torno da noção de “desviante secreto” de Becker. Uma perspectiva de análise que tome o sujeito nem tanto como desviante com relação a uma norma social dominante, mas como “viajante” entre “pontos de ruptura” e “pontos de sutura”, [...]

O referido autor expõe as contradições específicas que outros autores utilizam sobre o desviante secreto e o sentido relacional do desvio. Perlongher (1987, p.192) observa na nota de rodapé sobre o assunto:

Taylor, Watson e Young (1975) assinalaram a incoerência entre a noção de ‘desviante secreto’ e a explicação do ‘desvio’, ‘em função das reações

que provoca’: ‘Se o desvio depende da reação pública, como pode haver um desviado secreto?’ Trata-se de uma crítica à teoria da rotulação, que considera determinante a ‘acusação de desvio’ para a carreira desviante’

Quem rotula e quem está sendo rotulado, dentro de uma interação de identificação e com elementos normativos pelos estereótipos, procura, sobretudo, controlar a “informação” do desvio. Seria uma espécie de distinção que guia as pessoas e as diferenciam. Nessa noção de interação das identidades ameaçadoras e definidoras, destacam-se as ações de manutenção e controle das ordens sociais e marginais. Assim, a prática homoerótica, que se torna “desviante”, é observada como determinante de identidade social e como critério de discriminação para outras ações.

1.3- APROPRIAÇÕES DOS BANHEIROS

Por ser um ambiente reservado, no banheiro, os homens podem tocar as partes mais íntimas do corpo, fazendo a limpeza delas sem nenhum problema. Essa noção do exercício do corpo e do próprio espaço leva-nos a refletir sobre o banheiro público e sua apropriação para outros fins. Por exemplo, uma das maneiras usadas para mostrar que a intenção de usar o urinol não é somente para urinar, será a de ficar com o pênis ereto como condição de busca do parceiro. Remetemo-nos às idéias de Foucault (1979, p. 212) para essa pequena tática:

Seria preciso fazer uma história dos espaços - que seria ao mesmo tempo uma história dos poderes - que estudasse desde as grandes estratégias da geopolítica até as pequenas táticas do habitat, [...]

O próprio Foucault (1979) atesta que as mudanças históricas e sociais mais importantes talvez tenham sido ligadas ao que o mesmo denominou de *biopoder* (o controle do estado sobre noções de higiene pública e as obrigatoriedades que cada um tinha com as vacinações) que conduzem a uma compreensão de corpo como propriedade do Estado. Por outro lado, as pequenas resistências conseguiram sobreviver ao *biopoder*. Assim, são atos ditos estigmatizantes os que ousam quebrar a ordem estabelecida no mictório público. Usam-se os diversos modos e meios para reprimir qualquer tipo de expressão que não seja fisiológica dentro deles.

Os banheiros públicos se inscrevem como espaço de *não-lugares* (AUGÉ, 1994). Na concepção desse antropólogo, os chamados *não-lugares* não existem como formas unívocas. São locais que recompõem relações e embaralham os diversos tipos de pessoas. Esses espaços são constituídos em relação a certos fins e como será a relação que os freqüentadores mantêm com esses. Seriam recintos de circulação e comunicação, onde fica difícil apreender tanto a identidade como a história de uma pessoa.

A noção de *não-lugar* apoiará a questão acerca da apropriação do banheiro público, pois será a partir dela que perceberemos o fenômeno dos encontros sexuais. São famosos os sanitários públicos dentro de rodoviárias, aeroportos, parques e outros, por possuírem uma natureza de envolvimento sexual entre desconhecidos que transitam e mantêm neles um ponto de reorganização das relações e contatos. Tal apropriação do espaço público tem um caráter de inversão do cotidiano vivido. Ocupa-se o espaço para recriar novas regras momentâneas e inverter a ordem para outras possibilidades. Há uma vasta produção etnográfica sobre a apropriação em locais públicos, como as praças e ruas, pelos movimentos religiosos, políticos, negros, em determinada ocasião, para manifestarem suas expressões e desejos. Nesta ocasião, apresentam-se para os demais as suas condições e

anseios; apropriam-se e interagem com os diferentes. Dentro desses locais, também podemos verificar a ocupação do espaço público para o exercício da sexualidade, principalmente o homoerotismo.²

Alguns cinemas pornográficos tornam-se um referencial para entendermos a apropriação em virtude da vivência do homoerotismo. Neles converge certa quantidade de pessoas que subvertem a função do espaço e o transformam em ponto de práticas sexuais. São conhecidas as ruas e praças das grandes cidades em cujos espaços amplos e de grande circulação populacional localizam-se as áreas de prostituição. Uma outra reflexão que envolve o homoerotismo e a ocupação de espaços, desta vez, ambientes fechados e com uma clientela específica, são os considerados guetos. Podemos afirmar, de uma forma resumida que seria um espaço fechado onde se concentraria um serviço destinado para uma clientela exclusivamente de práticas homoeróticas. Mais especificamente, estamos destacando as saunas, bares, casas de massagens, onde as relações entre seus participantes se dá de uma forma rápida e sem laços duradouros; apenas instantâneos e sem aprofundamento. (POLLACK,1985 p.54-76)

As boates *gays* introduziram em seus ambientes os quartos escuros. Não se tem o registro histórico de onde veio, mas os relatos apontam duas vertentes: nos bares *gays* começaram a funcionar os quartos nas partes de trás (*back room*) para os freqüentadores e hábito de apagarem a iluminação dentro dos banheiros masculinos, quando se tinha um certo número de pessoas no ambiente. Os quartos escuros (*dark room*) em boates e saunas *gays* são hoje ambientes indispensáveis dentro da rede de serviços destinados aos *gays* para as práticas sexuais anônimas.

² Costa (1992) usa esse termo por melhor se adequar a razões teóricas e éticas que envolvem o termo. Assim, para melhor entendimento e associação a outras categorias sociais, será utilizado o termo homoerotismo. As tipologias do homoerotismo masculino estarão esclarecidas adiante.

No entanto, o banheiro público, converge-se à privacidade e ao anonimato dos que têm práticas homoeróticas. A grande circulação populacional favorece a busca de parceiros sexuais. Várias formas de transgressões podem ser instauradas entre os homens. As fantasias sexuais são realizadas e as estratificações sociais, étnicas e religiosas são desconsideradas pelos freqüentadores. Camille Paglia, de maneira “espalhafada” e impressionada sobre a questão (1993, p.36) afirma:

Um dos problemas que mais me perturbavam ao pensar sobre sexo era a promiscuidade dos homens *gays*. Repetidas vezes me espantei ao saber por amigos gays de pontos de encontro em toaletes de restaurantes, estações rodoviárias, ou [...] da biblioteca de Yale. [...] O estranho desconhecido é um deus pagão errante. O altar, como na pré-história, é qualquer lugar onde nos ajoelheamos.

Várias das nossas relações e regras sociais obedecem aos determinantes do espaço. No âmbito público, o uso do banheiro está organizado na condição de separar homens de mulheres. Os *toilettes* aparecem dentro dessas regras de convivência dos gêneros. Por vezes, tornam-se local de apropriação de relações homoeróticas entre seus freqüentadores que invertem as normas sociais. Como observa Parker (2002, p. 97), referindo se aos encontros sexuais:

A ênfase em um determinado tipo de transgressão, uma invasão do espaço sexual alheio, e nas subcorrentes eróticas e no contato sexual em ambientes a céu aberto [...], mas também na apropriação de pelo menos alguns locais fechados que de outro modo serviriam como um foco da masculinidade e da heterossexualidade dominantes. Nos banheiros masculinos, [...] e em outros ambientes similares, o homoerotismo ocorre como parte do leque mais amplo da sexualidade masculina.

Michel Pollack descreve o processo de envolvimento homoerótico nos espaços públicos das grandes áreas urbanas, um conjunto de lugares que se caracteriza unicamente

por facilitarem os envolvimento e relações sexuais entre homens, clandestinamente. São espaços diversificados, que podem ser tanto ambientes fechados como abertos, possibilitando encontros rápidos. Assim Pollack explica com um certo teor reducionista acerca da fluidez dos encontros sexuais. Na visão do autor, tornar-se essencializador a predisposição da paquera e rotatividade dos homossexuais. Vejamos como ele afirma:

[...] O homossexual entra no mercado dos intercâmbios sexuais. Entre todas as sexualidades, a homossexualidade masculina é sem dúvida aquela cujo funcionamento lembra mais a imagem de um mercado no qual - quando muito- há apenas ‘trocas de orgasmo por orgasmo’. As instituições-chaves da vida homossexual são, em primeiro lugar, os locais de paquera: bares, saunas, cinemas, restaurantes especializados e parques.[...] Marcada por uma frequência muito elevada das relações sexuais, uma forte promiscuidade e uma diversidade, ao mesmo tempo em que uma especialização das práticas. (1982, p.59)

Com a capacidade de ir mais detalhadamente na questão, Michel Pollack (p.59-60) confirma em sua análise traços culturais percebidos por detalhes da interação nos locais onde ocorrem os envolvimento sexuais entre homens. O autor ressalta a atmosfera do lugar e como a regência dos hábitos se instala nele para os homens vivenciarem a relação sexual. Ele ainda destaca os códigos construídos para uma ética do momento:

“[...] Compreende-se então a importância dos sinais de reconhecimento e das encenações. A sutileza da comunicação durante a paquera indica menos a procura da quantidade, e mais a seletividade e a angústia de recusa. A não resposta a um olhar furtivo ou um sorriso escondido muitas vezes põe fim a uma tentativa de aproximação[...] O jogo é o ato sexual. [...] O silêncio é uma regra de honra nos espaços, ele próprios (parques, saunas, sanitários) e delimitados, especializados, em função de suas possibilidades de isolamento (a dois ou em grupo) e de menores riscos(riscos de serem surpreendidos por policiais ou por vagabundos).

O antropólogo Perlongher (1987, p. 170 – 172), em sua brilhante etnografia sobre a prostituição masculina³, observa que o mictório público serve também de local propício para serem oferecidos os serviços sexuais aos frequentadores como para a sociabilidade deles. Vejamos a citação onde o banheiro masculino é cenário dessa situação:

O mictório ocupa o lugar mais baixo na categoria dos locais de engate homossexual. É, junto com as saunas, o mais diretamente sexual, o menos ‘amoroso’; mas é também o mais perigoso, pois está sujeito a esporádicas irrupções policiais. José Luís de Toledo (1980) dá uma visão poetizada das possibilidades eróticas dos mictórios: ‘ um espetáculo indescritível , só vendo mesmo. Os prazeres nesses lugares podem ser vários, comprometedores ou não. Podemos adotar, conforme o astral, só via voyeurística. Também podemos assistir, tocar, ser tocados, chupados, chupar, gozar, ser esporrados; ou laçar e içar alguém para paragens mais tranqüilas’.

No meio dessa profusão de fricções e masturbações exibicionistas, a abordagem não é, porém, indiscriminada, mas exige certo ritual de olhares e apalpações. Os michês, como o resto dos *habitués*⁴, ficam se exibindo nos mictórios. [...]

O fato de ser uma prática sexual fortemente “despessoalizada”, desenvolvida num rigoroso silêncio, não impede que certas formas de sociabilidade se desenvolvam em torno da exibição masturbatória nos mictórios públicos. Diz uma reportagem de *Lampião* sobre o sexo nos banheiros da estação central do Brasil (RJ): “ Ficar amigo, membro da confraria, é uma obrigação nos banheiros da central.[...]Há sempre os que ficam do lado de fora do subsolo, próximo ao café, a velar pela segurança e dar o alarme ao primeiro sinal de presença da polícia ferroviária, fardada ou não [...] Mas não é só nisso que se caracteriza a confraria da punheta. Seja no hall do subsolo ou mesmo dentro do banheiro - na sala de “estar” – há sempre tempo para um bate-papo ameno, para um cigarro, para um tititi.

Outro trabalho etnográfico de importância para aprofundamento do nosso tema foi feito por Laud Humphreys (1973, p. 148- 160), com sugestivo título: “*A transação da sala de chá: sexo impessoal em lugares públicos*”. Na pesquisa sobre banheiros públicos, casa de chá na linguagem conhecida pelos frequentadores, Humphreys descreve detalhes

³Os homens que se prostituem, geralmente rapazes, são chamados de michê, boy ou bofe, entre as várias denominações. Fazer michê pode ser também o próprio ato de se prostituir em troca de dinheiro e bens materiais.

precisos e questões pertinentes dos enlaces homoeróticos. A partir de dados coletados na pesquisa, o autor expõe aspectos do “sexo anônimo”: desde a maneira como se deve fazer para chegar aos lugares até as formas como os envolvimentos dos homens ocorrem neles.

Ele ressalta aspectos inerentes a sua localização: são banheiros isolados em diversas áreas, explica o autor. Os mais movimentados têm no isolamento um atrativo para os frequentadores. Essa separação arquitetônica seria um instrumento de reorganização interna, caso viessem pessoas que podem reprimir o encontro sexual. Associa-se também o isolamento com o silêncio que colabora com as relações sexuais nesses locais. Assim, são utilizados gestos e movimentos sutis que revelem as intenções de quem frequenta assiduamente o mictório e seja um praticante de relações sexuais anônimas.

Só um lugar público, como um desses banheiros [...], poderia assegurar a falta de envolvimento pessoal no sexo que certos homens desejam. O ambiente facilita a necessária modificação nos participantes pela sua acessibilidade e pela visibilidade dos homens *certos*.

[...] Os passos, fases, ou movimentos em geral que observei nos jogos da *sala de chá* envolvem todos eles movimentos somáticos. Como o silêncio é uma das regras desses encontros, as estratégias dos participantes exigem [...] um gesto com as mãos, movimentos dos olhos, manipulação e ereção do pênis, um movimento de cabeça, uma mudança de postura ou a passagem de uma para outro.

Para Humphreys, os homens que praticam atos homoeróticos em locais públicos são pessoas que não participam de lugares com frequência exclusiva de homossexuais. A pesquisa está centrada em práticas homoeróticas em banheiros públicos e não em homens que se assumem como *homossexual*. No final de seu trabalho, Humphreys consegue traçar um perfil social dos frequentadores de mictórios anotando as placas dos carros deles. A partir do levantamento nos órgãos públicos, ele descobre o endereço dos frequentadores, as

atividades profissionais, o estado civil e outros dados, traçando um perfil social e econômico de alguns.

O autor acredita ser necessário estabelecer uma divisão entre a prática sexual e a identidade pública dos frequentadores. Por ser oculto e anônimo, tal ato não se mostra como “desviante”, e não “contamina”, e também o próprio espaço seria de baixa visibilidade por ocorrer num lugar comum a todos os homens. (GUIMARÃES, 2004. p. 71)

O banheiro masculino público surge como mais um local onde se manifestam as práticas sexuais e expressão do homoerótismo. Uma observação livre pode sugerir a confirmação de contatos sexuais mais variados, porém alguns poderão ser os preferidos. Os meios que se demonstram dentro deles são bastante recorrentes e determinados, na mesma proporção em que podem ser percebidas as diversidades homoeróticas.⁵

Assim, torna-se uma constante a construção do desejo por ser também um processo de sociabilização das pessoas. O contato e a experiência vividos pelos homens colaboram como um dos elementos que influenciam a maneira de ter prazer sexual. Assim, entendemos, dentro do processo, a interação dos frequentadores assíduos em mictórios. O desejo sexual recebe influência da ação de várias ordens que colaboram para o momento em que acontece o envolvimento entre os homens.

A orientação homoerótica adquire múltiplas vivências para além do que seja um único estilo sexual. Assim, ela é vivida nos banheiros públicos e representa mais uma maneira de expressar a sexualidade. Na nossa cultura, os estudos da sexualidade estão mais ligados a uma tentativa de “naturalizar” e essencializar, pela passividade/atividade, a

⁵ Fry (1982), Perlongher (1987, P. 70, 126-131) e Silva (1992), autores que trabalham com as categorias: bichas, entendidos, viados, michês, travestis, monas e outras. As classificações sobre as diferentes formas de homoerotismo podem ser observadas a partir de elementos adversos ao ato sexual em si.

maneira de conceber o ato sexual, do que à orientação da pessoa, a partir das interações e vivência no meio.

A perspectiva que devemos tomar da sexualidade é como um “sistema cultural” de valores arbitrários e ordenados. As pesquisas acadêmicas mostram questões ligadas à manifestação do homoerotismo, associado à conjugalidade, à identificação com o estilo de vida e à luta por direitos civis. As formas como aparecem nas investigações científicas revelam não ter um padrão único. Assim, essa interação no banheiro público revela pontos acerca de uma intimidade homoerótica, tendo um valor de desvio, pela sociedade.

CAPÍTULO II

2.1-PRÁTICAS HOMOERÓTICAS EM BANHEIROS PÚBLICOS

Conscientes da condição de que a pesquisa é mais uma interpretação do fenômeno descrito, vemos a investigação como um reflexo da lente pela qual visualizamos nosso trabalho. Assim, percebemos que a nossa etnografia se condicionou pelo olhar, ouvir e escrever durante o exercício da investigação (OLIVEIRA,1988). Dessa forma, no momento em que averiguamos o campo, estamos dentro de um parâmetro científico.

A partir daí, realizamos a descrição do campo no sentido denso (GEERTZ,1978) que busca ressaltar as particularidades, descartando uma explicação casual do fenômeno agora exposto. A descrição densa possui condições interpretativas que observam o fluxo do discurso social presente na coleta de dados e a própria dimensão da nossa interpretação, utilizamos as palavras do próprio autor:

“Fazer a etnografia é como tentar ler (no sentido de ‘construir uma leitura’) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerência, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escritos não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado.”(GEERTZ, 1978, p.100)

Numa conjugação da forma de apropriação das práticas homoeróticas nos banheiros e suas interações, produzimos um texto que descreve as especificidades dessa vivência. Escolhemos a observação por melhor se adequar à perspectiva que víamos na hora da investigação. A etnografia revela-nos o objeto no qual estamos inseridos. Esse exercício requer uma constante reflexão da postura ética no campo e uma análise sistemática das teorias nas quais estamos realmente envolvidos quando obtermos os dados da pesquisa.

O uso do recurso fotográfico⁶ para registro das mensagens teve um apoio de documentação e memória, a partir da qual se compreendeu uma primeira etapa da pesquisa, dando início à investigação. Saíamos num horário em que os banheiros eram pouco usados e registrávamos os grafites pela captação fotográfica. Ficar com uma máquina fotográfica no banheiro público poderia causar certo constrangimento aos poucos usuários presentes naquele instante, porém as imagens ajudaram no respaldo que acompanha o texto final e revelaram uma captação dos modos de deixar mensagens. Um aspecto correspondente na análise fotográfica está na comunicação que captamos nesse primeiro momento, até a última fase da pesquisa.

Portanto, percebemos que se instala na ordem do banheiro público uma constante troca de informações entre os freqüentadores, tanto para escrever as mensagens, como para respondê-las com tom de deboche ou confirmando o desejo escrito anteriormente, como, por exemplo, marcar o encontro. As fotografias foram arquivadas e se mostraram capazes de revelar a comunicação que viabilizava encontros entre os freqüentadores, sem a necessidade de ter que realizar um contato direto com os mesmos.

A observação nos banheiros se alternou ao longo de quase dois anos. Houve momentos de recesso na UFRN que impediram, em alguns períodos, a continuidade da pesquisa. Quando se retornava às atividades, a observação privilegiava os percursos que tinham mais *pegação*⁷, tendo em vista a sua identificação anterior.

Houve idas prévias para outros banheiros públicos da cidade, os quais não estavam no nosso campo de pesquisa, na intenção de reconhecer interações semelhantes àsquelas observadas no âmbito da UFRN. Também eram banheiros de interações sexuais, em

⁶ Em anexo poderemos ver o registro de imagens dos banheiros e de alguns grafites.

⁷ Uma gíria usada no meio dos *habitués* e é conhecida por se tratar de toques, carícias e contatos nos genitais em locais públicos, principalmente banheiros, praias, parques e etc.

comparação e passíveis de uma análise mais apurada. Junto com os mictórios investigados, eles apresentam um cenário parcial das interações que se estabelecem entre freqüentadores de banheiros da cidade do Natal.

Nesta situação, estamos nos referimos às incursões exclusivas aos banheiros do Centro de Convivência e dos Setores de aulas I e II. Os demais eram visitados de forma irregular para a constatação de que poderia acontecer encontro sexual. A diferenciação vai ficar mais explicada com o decorrer dos dados analisados a partir dos banheiros que mais se destacam dentro da UFRN.

Realizamos observações exaustivas nos banheiros considerados de maior *pegação*, recolhendo as impressões dos freqüentadores e descrições das situações. Nesse cenário de movimentação de pessoas pelos sanitários, costumávamos encontrar com mais freqüência os *habitués*, com os quais conversávamos informalmente, registrando principalmente as impressões e interpretações deles sobre as práticas observadas. Alguns *habitués* ficaram apenas como participantes de ações registradas nas descrições etnográficas, pois não os víamos mais e não se prestaram a fornecer informações detalhadas sobre o acontecimento vivido.

Os contatos eram dentro de uma gangorra dialógica: por vezes produtivos ou improdutivos, dependendo do clima e das pessoas que se encontravam naquele momento. Algumas vezes, não fazíamos o itinerário de todos os banheiros e prolongávamos a nossa presença num só; isso devido às constantes visitas que o mesmo recebia das pessoas.

2.2- HOMOEROTISMO PELOS AMBIENTES PÚBLICOS

Vários trabalhos descrevem o chamado movimento de visibilidade dos grupos sexuais nas áreas urbanas. São feitos levantamentos, mostrando a influência das representações deles em relação aos aspectos sociais, econômicos e políticos. Assim, modos e denominações as vivências das sexualidades mostram gostos agregatórios das pessoas. São construídas afinidades no que se refere às relações afetivas.

O antropólogo Hélio Silva (1992) produziu uma contundente etnografia sobre a vida dos travestis da Lapa, Rio de Janeiro. Um trabalho referencial por revelar a construção da sexualidade dos mesmos, simetricamente com a produção dos seus corpos femininos, finalizando com um cotidiano da prostituição. Outra etnografia, desta vez sobre rapazes que praticam relações sexuais por dinheiro, feita em São Paulo, é o trabalho de Nestor Perlongher (1987). O autor soube conciliar um texto, demonstrando os locais de prostituição no centro da cidade, as histórias de vida dos garotos de programa, seus dilemas acerca do exercício da sexualidade e suas perspectivas. Tudo isso desenvolvido pela ótica da sexualidade como elemento cultural.

A produção sobre as sexualidades em Natal, mais especificamente os modos homoeróticos de ser, que sofrem um processo de segregação, já têm tido destaque em pesquisas voltadas a aprofundar o debate e até mesmo com outros enfoques sociais. Trabalhos destinados à análise social do turismo citam a questão da apropriação de espaço e frequência de grupos sexuais nas praias, numa cidade que possui belas praias e com uma rede de serviços urbana já diversificada. Natal contém uma rede de banheiros públicos e pontos de encontros sexuais iguais aos grandes centros urbanos, onde a prática do homoerotismo ganha formas territoriais mais nítidas. Das praias urbanas em Natal, Ponta

Negra possui um ponto de referência para a *sociabilidade erótica*⁸ em torno das áreas adjacentes ao Morro do Careca:

“As praias, os espaços públicos por excelência de Natal, constituem o substrato de territorialidades que se articulam em torno de identidades só indiretamente relacionados aos lugares. É esse o caso dos espaços, nas praias, conquistados pelos homossexuais. Em Ponta Negra, por exemplo, as barracas mais próximas ao Morro do Careca são referências importantes e pontos de encontros de homossexuais, locais e turistas”. (LOPES JR, 2000, p.87).

A apropriação de ambientes exclusivos para a vivência explícita das práticas homoeróticas, pode ser resgatado a partir dos registros acadêmicos nesta área (DANTAS, 1989). Para o autor, a chamada *movimentação homossexual*⁹ ganhou força durante o estabelecimento de bares específicos na década de sessenta, quando a visibilidade dos grupos sexuais, observados a partir de seus estilos de vestir, a linguagem comum e o modo de se comportar publicamente se definem como elemento de agregação:

“[...]O top top, situado na av. Rio Branco, próximo ao grande ponto; O saci, nas proximidades da igreja do Rosário; e o Bar do Neto, na Alexandrino de Alencar, no Alecrim. [...] Eram locais de encontro de *entendidos*, uma nova postura homossexual [...]No final de 1965, surge o bar Arapuca, que para nós se constitui um marco na história da homossexualidade na cidade, e que não se definia como local de encontro de homossexuais, mas de intelectuais e artistas. O Arapuca funcionava no bairro do Alecrim. [...]Havia dois outros bares denominados Pé de Mocó e Brizza Del Maré. Eram bares populares, palafitas no Potengi, na rua Ocidental de Baixo, perto do Paço da Pátria. O Brizza Del Maré tinha uma clientela mais selecionada, aberto para homens e mulheres, sendo o Pé de Mocó uma bar de freqüência quase restrita de homossexuais, geralmente *travestis*. Para melhor diferenciar as clientelas, podemos afirmar que o Brizza Del maré era freqüentado por entendidos e o Pé de Mocó tinha uma clientela de *bichas*, embora a separação não rígida.[...]”. (DANTAS,1989, p. 69 ; 76)

⁸ O autor assim usa o termo *sociabilidade erótica* para os encontros entre homossexuais.

⁹ Movimentação homossexual: é definida pelo autor como um sistema de ambientes quer seja um bar ou praça, onde os homossexuais se encontram para se socializarem. Nesses locais seria tolerada a presença dos mesmos pelos outros da sociedade. (DANTAS, 1989,76)

Assim, são registrados aspectos em torno das práticas homoeróticas na cidade do Natal: o surgimento de espaços próprios e uma maior visibilidade destes na sociedade. Os bares e boates destinados a uma clientela de consumo que interage e se encontra têm seu aspecto ambíguo. É o lugar a onde se pode ir e encontrar pessoas com as mesmas referências dos desejos sexuais. Por outro lado, é também considerado um ambiente de reclusão e restrição das ações, que só devem ser praticados naquele local. Não se ousa agir com afeto noutra lugar fora daquele. Associado a esse aspecto, temos o processo de reprodução social da segregação que ocorre também dentro da boate.

Atualmente, Natal possui uma rede de bares, boates e saunas destinadas para as sexualidades vistas como desviantes. As boates e *Clubbers* noturnos são conhecidos por serem espaços de uma certa interação e sociabilidade dos vários estilos sexuais. Nesses ambientes são encontrados espaços destinados para a prática sexual anônima, como os populares quartos escuros (*dark rooms*)¹⁰.

Apesar desse efeito de agrupamento das práticas homoeróticas, aparecem outros espaços que são apropriados de forma instantânea para a paquera e para a prática sexual. Tratam-se de praias, praças, banheiros e cinemas na Cidade. No antigo cinema Nordeste, no centro de Natal, André Marinho (2000) produziu uma monografia em que relata o cotidiano de seus frequentadores, expõe a apropriação do espaço enfocando as práticas homoeróticas. Um trabalho que mescla, através da etnografia, a abordagem dos códigos e as regras entre seus fregueses junto a questões éticas e o movimento de aproximação sexual. Descreve os vários frequentadores nas poltronas, em pé e nas escadas do cine Nordeste.

O movimento de deslocamento dos locais públicos para encontros sexuais tem uma dinâmica na cidade. Novas áreas são abertas, tanto pela expansão da população, como pelos

¹⁰ Para maior averiguação ver (COSTA NETO, 2002)

empreendimentos empresariais. Como exemplo, os locais de encontros homoeróticos que ocorriam nas proximidades do Morro do Careca (Ponta Negra) hoje se transferem para outras áreas, como a Via Costeira guardada por polícias. Na nossa pesquisa, os relatos dos *habitués* informam que os encontros sexuais estão acontecendo na região próxima aos hotéis *Ocean Palace e Pirâmide*.

Apesar de representarem um espaço público onde acontecem interações, em especial a sexual, tão importantes para serem analisados quanto as outras investigações feitas na área que compreende a vivência do homoerotismo, boa parte do que poderíamos chamar de estudos sobre o modo interativo não enfoca o banheiro público como local para tal intento. A simples naturalidade de usá-lo para as funções fisiológicas mostra, na realidade, ser de outro teor, capaz de nos revelar novas leituras para com a higiene das pessoas. Mas são espaços de encontros sexuais, reconstruídos e expressos via *habitués*, deixando de lado as questões de higiene e potencializando-os para abrigarem as práticas sexuais.

2.3-AS PEGAÇÕES NOS BANHEIROS

Restringimos a observação livre das *pegações* aos banheiros masculinos da UFRN. Contudo, não devemos considerar os *habitués* como um grupo ou comunidade, mas fazer uma análise de certas práticas e das pessoas envolvidas. Apesar de sabermos que o local em que se inscrevem as práticas sexuais anônimas está na área das comunidades acadêmica ou comercial, sem se restringir a ela.

Nos banheiros públicos sempre podem acontecer as *pegações* e também os inevitáveis flagrantes dados pela polícia, segurança do estabelecimento e funcionários. Alguns casos ficaram marcados na memória e famosos por envolver pessoas das artes e com alto poder aquisitivo. Em *Beverly Hills*, nos Estados Unidos, no ano de 1998, o pop star George Michael foi preso e autuado em flagrante por prática de sexo num banheiro público (TREVISAN, 1986 p.93).

No Brasil, as leis não são muito diferentes das americanas. Do ponto de vista do Código Penal, tanto a pichação como os atos obscenos são passíveis de autuação dos policiais e seguranças. O flagrante dos atos sexuais e das pichações em lugares públicos é uma das justificativas usadas pelos policiais para as ações e investidas nos banheiros públicos. O policial deve dar ordem de prisão aos envolvidos no ato e levá-los até à delegacia para a autuação. Em nenhum momento, porém, deve-se usar da arbitrariedade do caso para se levar vantagem material.

Nos *shoppings centers* e hipermercados, a presença do responsável pela higiene e limpeza do local é uma maneira de vigiar os frequentadores mais ousados que extrapolam os limites da conduta dentro do mictório. Já na universidade, os seguranças nunca aparecem nos banheiros, para coibir as práticas sexuais. Em conversas informais com seguranças e zeladores, eles confessaram ser cientes das práticas sexuais em banheiros e encaram sem dificuldades a liberalidade vivida pelos *habitués*. Os seguranças nos informaram que nunca receberam ordens para reprimir o que chamam de *atos indecentes*. A patrulha de segurança no Campus destina-se a evitar assaltos de pessoas e roubos de carros na área.

A ação dos seguranças nesse sentido passa a gerar outro comportamento dentro dos banheiros. Durante a nossa pesquisa não foram encontradas pessoas que poderiam frequentá-los para cometer pequenos assaltos e se prostituir dentro de suas cabines. De

acordo com os *habitués*, é realizado no Campus um percurso pelos banheiros de *pegação*, caso se sintam intimidados pela presença de outros que porventura os ameacem com extorsão de dinheiro. Eles mudam para outro banheiro mais tranquilo sem ter ninguém para importuná-los.

As idas a outros banheiros públicos nos apresentaram onde ocorreram situações similares de *pegação* aos banheiros pesquisados, mas com uma população variada pelo segmento social, faixa etária e outras. Resolvemos dividir os banheiros em que fizemos as incursões por grupos. Um ficou excluído devido ao tempo exíguo; neste caso nos referimos aos banheiros localizados na Rodoviária Nova, localizado da Cidade da Esperança.

Visitamos os banheiros no Centro da Cidade, nos hipermercados e *Shopping Cidade Jardim* (localizado no início da avenida Roberto Freire), os da CEFET (Centro Federal de Educação Tecnológica) e o localizado no mercado do Alecrim. O relato a seguir procura dar uma imagem parcial que revela um fluxo de pessoas que se distribuem territorialmente, mas em outras áreas da Cidade as características de *pegação* ocorrem da mesma forma.

O que podemos ver com essas informações é que um movimento semelhante ao que ocorre dentro da UFRN vai para outros lugares da cidade. Os *habitués* fazem caminhos também a outros locais e os freqüentadores que realizam idas a praias, praças e parques para fazerem *pegação* podem vir até à Universidade para tal intento exclusivo. Portanto, há uma rede de fluxo entre os *habitués* que se comunicam nos contatos e nas informações repassadas entre eles.

No Centro da Cidade, existem três banheiros públicos que são de livre acesso aos transeuntes, embora localizados em uma relativa distância um do outro: o do chamado “camelódromo”, o do SESC-Restaurante e o da Antiga Rodoviária. O primeiro fica no local conhecido como “shopping popular” na rua Ulisses Caldas e está no meio desse espaço

destinado para os camelôs da Cidade. Possui um responsável pela limpeza que está constantemente em sua porta a pedir dinheiro quando entra alguém.

Outro local do Centro que oferece oportunidade para práticas sexuais está no Sesc-Restaurante. Neste local é encontrado um banheiro usado por todos os comerciários e demais pessoas que vão ao Centro. É necessário ressaltar que existe um banheiro masculino dentro do próprio refeitório, mas sem possibilidades de práticas sexuais devido ao grande fluxo de pessoas transitando.

Quando se aproximam as 14 h, então o cenário muda. As pessoas aproveitam a diminuição do fluxo na área e ficam mais tempo dentro dele. Um grande espelho que fica nas pias ajuda na paquera dos freqüentadores. Após a pia, localiza-se o urinol; em frente a este encontram-se as cabines. Um *habitué* no urinol que se interesse por outro que está na pia ou nas cabines, precisa somente olhar para o espelho e ver a pessoa. Esse, em concordância, faz-lhe um sinal para entrar na cabine, basta então que o *habitué* do urinol entre e, em seguida, o outro ocupará a mesma cabine.

O terceiro banheiro fica na Antiga Rodoviária. É o mais sujo e menor que os outros anteriormente citados. Porém isso não impede que a interação seja mais intensa e sem a menor dissimulação. A qualquer hora do dia (o mesmo está aberto 24 horas), encontramos pessoas a usá-lo com a intenção de encontrar parceiros sexuais. Constatamos principalmente práticas de sexo oral e masturbação sem o menor pudor diante de outros presentes no recinto. Apesar de ter um funcionário responsável pela limpeza, mas que pouco vai ao banheiro e fica transitando dentro da Rodoviária. Ele é o banheiro mais sujo, sem assepsia e em estado depreciativo.

Outra área pública onde ocorre uma interação sexual de pessoas dentro dos banheiros está localizada no início da avenida Engenheiro Roberto Freire, onde são

encontrados dois hipermercados: *Hiperbompreço* e *Nordestão* e um *Shopping Center* Cidade Jardim. Nessa área ainda estão concentrados condomínios e faculdades que ampliam o número de pessoas que transitam pela região.

Os *habitués* que freqüentam esses banheiros (e também são os mais vistos nos banheiros da UFRN) falam de flagras feitos por seguranças e situações de humilhações ocorridas em determinados horários em que não havia grande fluxo. *“Uma vez resolvi ir ao banheiro do Cidade Jardim. Era tarde da noite, umas 12 horas. Quando eu ia chegando por lá, vi a armação: sai do banheiro um segurança puxando e empurrando um homem pela camisa, dizendo que ele corresse dali, pois ia chamar a polícia, porque tinha um viado no banheiro perturbando as pessoas. Um grupo de pessoas logo se reuniu para ver o que acontecia. E o homem tratou de sair de fininho...”*

Já quando o movimento de pessoas torna-se grande dentro do estabelecimento, os seguranças e o pessoal da limpeza agem de maneira proibitiva mas não chamam a atenção dos demais consumidores, pois ficaria uma má imagem para o estabelecimento. Como relata o *habitué*(1): *“...também houve caso no Nordeste, mas como era ainda horário de muita gente, o segurança deu só uns empurrões dentro do banheiro mesmo, nessa ocasião, eu estava dentro do banheiro, me pelei de medo.”*

Os banheiros do CEFET-RN são outra área para entendermos as práticas sexuais. Isso decorre do fato de que também em instituições de grande porte e com grande número de estudantes, o processo de iniciação e experiência sexual pode acontecer nas interações dentro de seus banheiros. O CEFET possui uma clientela predominante de adolescentes e jovens de Natal que para lá se deslocam a fim de fazerem seus cursos tecnológicos. Os banheiros dessa instituição não escapam de ter práticas sexuais dentro de suas cabines. A grande quantidade dentro da instituição será o maior destaque que facilita a prática sexual

anônima. Um *habitué*(3) da UFRN (ex-estudante do CEFET) revela que também praticava sexo nos banheiros da CEFET quando adolescente e estudante deste. Ele afirma relatando: “... não posso esquecer que fiz muito(sexo) na UFRN (hoje CEFET). Os banheiros de lá foram palco de punhetas coletivas por parte de alguns alunos. O banheiro perto do curso de mecânica e o próximo à piscina são famosos por ajudarem a gente nisso. Guardo boas lembranças de lá.”

Nas nossas idas ao CEFET, podemos observar, na troca de turno, uma maior frequência dos alunos nos sanitários. Fizemos observação nos banheiros citados pelo *habitué* (3) e percebemos que no final da tarde, alguns rapazes fazem mais uso do mictório da piscina. Um jovem afastado do urinol deixa à mostra o pênis ereto para os outros verem. Quando sozinho, ele balança o pênis e olha para a porta. Se alguém entra e demora um pouco mais no urinol, ele fixa-o nos olhos de forma rápida.

Na nossa observação de campo, notamos que os banheiros públicos da UFRN têm uma condição *sui generis* ligada à estrutura física diante de outros banheiros localizados noutros lugares da Cidade. São mictórios isolados e de difícil acesso a um grande fluxo populacional; há ausência de seguranças ou ASG (auxiliar de serviços gerais) que poderiam reprimir tais práticas, o que é considerada por eles outra vantagem. Os horários de funcionamento são determinados pelo expediente dentro do Campus. A qualquer momento pode surgir um carro ou uma pessoa pelo estacionamento e se dirigir ao banheiro em busca de práticas sexuais.

Segundo informações dos *habitués*, os banheiros da Universidade Federal estão mais *abertos*. A disposição em que os mictórios se encontram em toda a área do Campus é apontada por eles como um aspecto a favor do encontro sexual. Eles estão espalhados por todos os prédios e ficam na maioria das vezes vazios. Foi necessário um período de

convívio para se descobrir quais os banheiros em que ocorrem encontros sexuais entre os *habitués*.

Foi constatada nos relatos dos *habitués* a existência de outros locais da Universidade em que ocorrem encontros sexuais. Eles citaram as áreas que ficam por trás do restaurante e da residência universitária, nos estacionamentos próximos à praça cívica e à capela do Campus. Percebemos que a prática sexual dentro do mictório torna-se mais uma opção de apropriação sexual dentro da UFRN.

2.4-UM BANHEIRO COMO PONTO DE PARTIDA

A observação mostrou que existe um ponto de partida para se iniciar uma trajetória em busca de práticas sexuais: o sanitário masculino da área central do Campus. Ele é antes de tudo um lugar de circulação do que de fixação dos *habitués*. Somente um iniciante ou novato, em busca de encontros sexuais pelo Campus, ficaria nele a tarde toda. Passa-se por lá para ver o movimento dos homens e a rotatividade. Percebemos que uma parcela dos usuários é alheia a envolvimento homoeróticos no seu recinto, ou seja, pela maneira de se portarem dentro dele, mostram-se sem uma certa noção do que ocorre naquele momento entre os *habitués*.

A frequência de homens no banheiro da área central pode ser justificada devido aos serviços existentes na área: bancos, correios, livrarias, restaurante, galerias e outros. Muitas pessoas aproveitam essas idas aos estabelecimentos para passar pelo sanitário. O próprio prédio está localizado na área central do Campus da UFRN.

Constatamos que o banheiro do Centro de Convivência é fechado durante a noite, motivo que leva as pessoas aos toaletes dos Setores de aulas. O responsável pela limpeza

tranca-o e os *habitués* se transferem e lá ficam a observar quem entra nos mictórios das áreas A e B e deles sai.

Do Centro de Convivência saem as duplas para os banheiros das pavilhões de aula. Geralmente, um vai à frente, enquanto o outro vai um pouco distante. Esses são os banheiros que dão continuidade à paquera e às insinuações sexuais que já estavam ocorrendo. Como informaram alguns *habitués*, o motivo do fechamento do sanitário do Centro de Convivência poderia estar ligado ao fato de que, nos anos anteriores, durante a noite, ocorriam encontros sexuais.

Os banheiros dos Setores de aulas são de livre acesso a qualquer pessoa, são mais propícios à paquera e ao encontro sexual, especificamente os mictórios da área A e B. Os banheiros desses setores são usados também por homens para tomarem banho, por causa das quadras de esportes próximas (é o caso da área A). Também algumas pessoas que vêm do trabalho direto para a faculdade tomam banho (é o caso da área B).

Na área A, ocorre um fluxo de pessoas que se deslocam da área de Educação Física, do restaurante e da residência universitária para a biblioteca e demais Setores de aulas. A área que compreende a lanchonete, o DCE e a mecanografia fica afastada do sanitário masculino. Porém serve como referência para, desses ambientes, ir até os banheiros masculinos. No horário em que realizávamos a pesquisa, percebemos que havia uma relativa presença de pessoas que estavam em aula.

O banheiro da área E caracteriza-se por não ser muito usado para a paquera nem para os encontros sexuais, embora tenhamos observado grafites nele. O movimento de pessoas é quase inexistente, em comparação à frequência das outras áreas. A localização dele, entre a área A e B é uma das justificativas para não termos observado pessoas à procura de encontros sexuais. Mas, de fato, não foi investigada nessa área a causa de não

ocorrerem encontros sexuais. Já nas áreas C e D, há aulas durante o período diurno e não foi pesquisado também o uso do banheiro para paqueras e práticas sexuais.

2.5- DOS CONTORNOS DA INTERAÇÃO ÀS REGRAS DO MOMENTO

Aprendemos com os *habitués* que o espaço ao redor de um banheiro de *pegação* possui uma importância singular para compreendermos os envoltimentos dentro desse recinto. Ao seu redor, podemos perceber o *continuum* deles para o antes e também o depois das práticas sexuais. As proximidades de um sanitário vão revelando as preliminares do que ocorre dentro dele.

Podemos, através de uma observação exaustiva, ver que uma pessoa está à procura de encontros sexuais no mictório, ficando sempre em sua volta, a olhar quem entra e quem sai. De forma discreta, o *habitué* pode estar representando ler um livro, falar ao telefone, escrever algo ou sentado numa cadeira à espera de alguém. Deste modo, ele não é notado como alguém que procura por parceiros sexuais. Caso um homem lhe interesse e entre no banheiro, o *habitué* vai lá, pouco tempo depois, fazer a abordagem. Essa tática é uma das mais usadas por quem vive em constantes incursões pelos sanitários.

Um grande número de homens adultos, na faixa dos 40 a 50 anos, é percebido dentro dos banheiros. Com a observação, verificamos que eles geralmente estão à procura de envolvimento sexual com os mais jovens. Circulam bastante pelas áreas em torno dos sanitários. O local de maior frequência desses homens é o banheiro da área central e, quando não estão lá, são vistos em menor número dentro dos carros, nos estacionamentos próximos aos sanitários da área A e B.

Outro grupo observado foi o dos próprios usuários, que utilizam os mictórios somente para as necessidades fisiológicas, sem interesse no envolvimento sexual. No entanto, não foi visto nenhum tipo de comentário condenatório por parte de terceiros quando estavam no recinto, e viam o clima de paquera. Agiam com reservas e de maneira rápida.

As necessidades fisiológicas e de higiene seriam motivos óbvios ligadas ao uso de uma latrina, urinol e pia por parte dos frequentadores. Assim, entra-se, limpa-se e sai. Uma ação praticamente isolada dos demais lá dentro. Porém os corpos masculinos à mostra, e principalmente os genitais, são o chamariz para se ficar olhando entre si. Cria-se uma certa espontaneidade dos *habitués* sem pudor que vão se movimentando e se aproximando, lançando olhares, expondo os pênis, tocando os genitais de outros, até chegarem à prática sexual sem nenhuma censura e cerimônia. Naturaliza-se um processo de aproximação entre os homens, que demoraria tempo se fosse uma relação afetiva mais profunda. Rompem-se tabus do uso do corpo e revelam-se preferências sexuais na ocasião.

Assim, pessoas diferentes se reúnem dentro do banheiro público com o objetivo da prática sexual. Porém, a sexualidade desenvolvida no espaço público demonstra sublimar outros aspectos além do envolvimento íntimo e da afetividade: o ato sexual é o instrumento para a comunicação e a sociabilidade de quem participa, ali dentro, de encontros considerados obscenos e promíscuos.

Em outro espaço externo ao mictório, observamos que dois *habitués* que tinham tido uma relação sexual e se reencontraram numa cantina não se cumprimentaram, apenas trocaram olhares. A prática sexual conduziu à ética do momento e a uma conduta externa da diferença. “*Vivemos o agora para depois ser apenas um referencial e nas outras*

ocasiões nem somos conhecidos e nem sabemos quem somos. É a regra. Deve ser obedecida”. Relata enfático o *habitué* (2).

Assim se constituem como modo de sociabilidade do agora, algo único é construído com o consentimento de todos, tendo um caráter arbitrário. Sem a regra do momento, o encontro sexual não haveria para o anonimato dos envolvidos. “...*uma foda adiada é uma foda perdida...Uma coisa sou eu dentro do banheiro, agarrado com um homem, dois homens. Outra sou eu na sala de aula e no trabalho*”. (*habitué* 2)

Se por um lado as práticas sexuais podem estar relacionadas a uma alta rotatividade de parceiros e até serem motivos de elaboração de uma trajetória da vida sexual, isso não escapa à possibilidade de, a partir desses encontros sexuais, aparecerem relacionamentos afetivos duradouros entre os *habitués*. Um universitário, sendo também *habitué* (5) dos banheiros, descreve o início do seu atual relacionamento de 4 anos através da prática sexual feita no banheiro do setor de aula. “... *Eu já tinha reparado nele pelos corredores do setor II e até dado umas olhadas nele. Em certa ocasião, ele se aproximou de mim e perguntou onde ficava a parada do circular. Eu disse a ele onde era. Depois observei ele indo até o banheiro do setor. Quando ele ia entrando ficou me encarando. Eu fui até lá. Entrei no banheiro e fomos para uma cabine. A partir daí, começou o nosso relacionamento.*” Perguntamos a ele se já havia tido outros relacionamentos com outros *os habitués*. “*Sim, eu só costumava ir ao banheiro do setor I, depois do treino de atletismo, e lá fazer sexo com os demais. Com ele, a coisa foi diferente; a gente vinha se olhando pelos corredores de aula há tempos. No banheiro, foi quebrada a nossa distância.*”

A partir de relatos foi importante perceber que a interação dentro dos banheiros não se dá somente para os encontros sexuais. A prática sexual propiciou o aparecimento de amizades e até de relacionamentos conjugais. Alguns *habitués*, durante a pesquisa, nos

apresentaram a outros que conheceram durante as *pegações*. Notamos um grau de grande intimidade pelas conversas que tinham entre si.

2.6-O HÁBITO FAZ O *HABITUÉ*

As formas de ser *habitué* não são estanques ao se observar na hora da *pegação*. Um modo peculiar de vermos como são, é pela presença dentro do recinto. Existe o modo do *habitué* que fica em um só sanitário, enquanto outros circulam por todos os banheiros. Um terceiro tipo seria o ocasional, que aparece não com muita freqüência no local. Observamos pessoas que aparecem todas os dias, vão até o mictório da área central, permanecem vinte minutos e depois saem, caso não tenham arranjado ninguém.

A coexistência desses modelos funciona, em parte, para pequenas demarcações de territórios que definem a circulação de todos eles, por onde os *habitués* freqüentam e também para encontrar os possíveis parceiros. Um outro seria o não habitual, ou seja, o freqüentador que de vez em quando vêm ao Campus à procura de envolvimento sexual. Podem ser moradores de áreas adjacentes, participantes de encontros ou congressos e apenas vieram para resolver problemas burocráticos na Universidade. Todos têm o costume de ir ao banheiro, de diferentes maneiras, e em períodos diversos.

Uma das formas de realizar as investigações de modo depurado foi buscar informações iniciais com os zeladores que realizam a limpeza dos banheiros. Eles facilitaram na nossa observação e com o decorrer da pesquisa revelaram informações sobre os freqüentadores.

Constatamos na pesquisa que *os habitués* que são itinerantes movimentam-se por todos os Setores de maneira indiscriminada. Eles procuram nos sanitários desses ambientes a intenção de que sejam correspondidos para a prática sexual e, a partir daí, criarem laços

de interação. “*Já fui muito no banheiro das áreas de engenharias, pois lá tem muito homem. Porém, lá a coisa é muita reservada e quase não acontece nada, porque o pessoal de lá vem todo para a área de Humanas. Já vi muitos estudantes de engenharia vim caçar por aqui na área A e B*”. Diz *habitué*(6).

De fato, constatamos *habitués* da área D marcando presença na área B e numa das vezes em que conversamos informalmente com um deles, que se disse ser da referida área e que estava no banheiro na área B, ele respondeu: “*Estava com o tempo livre do laboratório de engenharia e resolvi vim ver o movimento por aqui (nesse caso área B). A turma sempre comenta sobre o pessoal de Humanas*”.

Existem horas em que todas as cabines ficam ocupadas por homens, principalmente nos sanitários nas áreas de aulas A e B. Uma outra tática de aproximação também é usada pelo *habitué*: ficar no canto do urinol, um pouco afastado, à espera da pessoa que vai urinar naquele momento. Caso a pessoa lhe interesse, o *habitué* pode observar o pênis do outro e mostrar o dele, faz um gesto no seu pênis de masturbá-lo. Presenciamos outros chegarem ao orgasmo diante dos freqüentadores assíduos só por causa do ver o pênis deles naquele momento. Isso gerou um certo ar de sensualidade entre os presentes, que procuram pegar no pênis dos demais naquele momento.

Noutro momento de observação, podemos descrever o envolvimento para o ato sexual. Um grupo de quatro rapazes está espalhado pelo sanitário do Bloco E (área B). Um em pé no urinol, pernas abertas e pênis ereto à mostra. As calças levemente abaixadas. Outro, dentro da cabine. Porta semi-aberta, olha o do urinol e um terceiro, que está lavando as mãos na pia. Este, por sua vez, faz um movimento com a cabeça a olhar para o do urinol e o da cabine. Um quarto rapaz está no outro lado do urinol, olhando fixamente o pênis do outro. Com vinte minutos aproximadamente ocorre um jogo de deslocamento dentro do

lugar. Olhando um para outro, alusões de entrar numa cabine ou sair do lugar, gestos talvez invisíveis a um estranho, aqueles sinais interpretáveis aos membros das relações homoeróticas deslancham-se em relações sexuais. Um dos dois rapazes do urinol consegue convence-lo e tirá-lo para fora do mictório. Nesse momento, chegava outro despercebido da junção da dupla. O novato que acabava de entrar percebe o clima, diminui os passos e se posiciona no canto do urinol. Abre a calça e expõe o pênis já ereto. Observa o rapaz localizado na cabine aberta. Pronuncia sem som a palavra *chupe*. Enquanto segura e mostra a genitália. O *habitué* olha para o pênis e concorda balançando a cabeça. Então, ele vai até a cabine e se tranca dentro dela. O outro que ficara na pia lavando as mãos lentamente, fecha a torneira e, parado por um minuto, parece pensar algo e em seguida sai do banheiro.

Encontramos o *habitué* que saiu, sem ninguém, em outro sanitário da área A. Nota-se que as interações codificadas por eles para o encontro sexual têm que ter uma certa maneira de saber se envolver e se permitir levar pelo agir dentro dele. Os hábitos estão numa sucessão de entender a oferta e a procura sexual. Articulam-se por uma aparência de espera para um frequentador ou para quem não quer participar do engate sexual. Saber usar o genital e ter o momento certo de olhar será uma habilidade adquirida com o tempo para se tornar um *habitué*.

Localizado na área A, no mictório do bloco G, registramos um acontecimento semelhante ao anterior. Olhávamos de dentro da cabine com a porta semi-fechada; esta é uma prática muito comum entre os *habitués*, principalmente os que gostam de só ver as práticas sexuais (*voyeurs*). Assim, um grupo de envolvidos entre propostas e convites, interrogados de um a outro. Um propõe ser “*mamado*”, outro se diz “*ativo*” e um terceiro se masturba ao ver o convite dos dois a ele. No conjunto, os três vão, aos poucos, sendo levados pelas propostas. Algumas vezes o “*ativo*” faz felação no outro. De tanto ver os

dois a exporem seus pênis, o terceiro *habitué* chega ao orgasmo. Vai até a pia, lava as mãos e sai do banheiro. O que se diz *ativo* desiste, guarda o pênis, pega os cadernos e livros deixados numa pia e vai embora. O que ficou se recolhe para dentro de uma cabine e aguarda a vinda de outros que nesse dia não vieram. A habilidade para saber conquistar o outro requer dos *habitués* uma capacidade de seduzir os demais. Fica a experiência dessa interação para a próxima vez entre eles.

No diário de campo, registramos um outro caso na área A. Um *habitué* parece mostrar-se insatisfeito com as pessoas dentro do mictório. Sua tentativa de buscar parceiros e não ter conseguido ninguém até aquele que momento, fazia como que ele transitasse freneticamente pelo banheiro do Bloco E. O *habitué* agia nas mais diversas situações de querer qualquer um que aparecesse naquele local. Sentava do lado de fora impaciente; olhava-nos e saía. Levantava e se dirigia ao banheiro quando alguém entrava e depois saía sozinho sem conseguir um parceiro. Passeava pelo corredor da área. Enquanto isso, dois já paqueravam há tempos no banheiro, sem dar a menor possibilidade ao *habitué* de ter um envolvimento com eles.

Presenciamos, na ocasião, os dois entrarem em uma das cabines afastadas. O tamanho interno dos banheiros ajuda para que a prática sexual seja feita em cabine pouco usada. As mesmas possuem portas que fecham por completo. O *habitué* retorna para dentro do banheiro, observa que os *habitués* não estão mais no urinol. Observa a última cabine fechada, vai até a sua porta e então deitado no chão olha por baixo do pequeno espaço da porta. O que parecia ser importante era a ver o ato sexual. Embora ocorresse prática sexual com outros, ele parecia estar interagindo.

Selecionamos os aspectos mais disponíveis que não se encerram nos costumes que engendram as experiências vividas e vistas. Geram-se hábitos de buscar práticas sexuais

por fatores externos, mas também de vivê-los pelo prazer e aprender a sabê-los experimentar. As experiências relatadas podem ser vistas de várias maneiras e como podemos interpretá-las é o que nos faz participantes de um certo sistema cultural.

2.7- SILÊNCIO E PAQUERA DENTRO DO BANHEIRO

Passamos horas dentro de uma cabine ouvindo somente os passos dos usuários. Quanto mais fomos nos familiarizando com aquele ambiente de ausência de palavras, percebemos que o silêncio era um elemento que garantia a privacidade da interação sexual. Essas exigências de um clima de fala mínima e controle dos gestos são os indicadores de uma condição para ser identificado no grupo e esse “não falar” é a expressão do desejo. Tudo fica organizado para que o encontro não seja através de palavras. Falar alto e gesticular muito compromete o envolvimento. “...*É preciso ganhar com os olhos e os gestos, saber se colocar dentro de um banheiro para ganhar o que deseja e o silêncio é a música da paquera, nada deve ser dito...as palavras atrapalham, elas podem pôr tudo a perder. Um tom mais afetado pode fazer o cara desistir de tudo...*” relata um *habitué*(3).

Conseguimos observar, várias vezes, as tentativas de relações sexuais sem uma conversa entre os frequentadores e elas acontecerem tranquilamente, sem problemas. O silêncio e o controle dos gestos também estão no entrar e sair de um mictório. Todas as vezes que outros homens entraram falando, os *habitués* assumiam posturas diferentes. Dirigiam-se às cabines, posicionavam-se de modo a esconder o pênis ou iam para a pia. E logo que saiam os frequentadores, retornavam-se os movimentos e os gestos sem palavras.

Para os *habitués*, a paquera é um elemento importante quando se estar à procura de relação sexual ou, como afirmou o *habitué* (3): “*uma passada no banheiro para ver se acontece algo*”. Ela está inserida nos rituais de aproximação de uma certa arte erótica, de

busca do parceiro numa condição de anonimato. Assim, o banheiro ganha o *status* de local de paquera repentina, direta e rápida para ser finalizada com relações homoeróticas na hora. Sempre o sanitário de maior movimentação masculina para os *habitués* perpassa esse crivo: “*onde estiver mais gente (homens)*” *habitué* (3). A paquera busca expor a disponibilidade para o acaso; pode se vivida em situações diferentes dos objetivos que o levaram ao recinto. “*Certa vez fui ao banheiro do Setor dois. Estava com uma vontade danada de dar. Tinha um cara que ficou me encarando lá dentro. Combinamos de conversar lá fora e terminou ele me levando para a casa dele e eu comendo o cara*” *habitué* (3). Ou como afirmou certo *habitué*: “*Estava no laboratório e às sete tinha aula. Então, vim para cá, vê se alguém me queria...é bom olhar as bichas nos banheiros.*”

Para se entender a provocação erótica no sanitário, devemos observar detalhes que são cuidados no ritual, tanto para ajudar a encontrar o parceiro, quanto à dissimulação da procura naquele local. O primeiro é o que se situa dentro dele; a posição adotada na parte interna do banheiro é importante. Um típico *habitué* sabe estrategicamente quais são os melhores ângulos para ver quem entra e que pode vê-lo. Um lugar que garanta a visibilidade e o resguardo dos outros frequentadores que não se interessam por encontros sexuais. Um segundo detalhe na paquera é saber olhar o potencial parceiro, geralmente *o olhar de lado* é o mais significativo para começar a conquista. Se um homem está no urinol e se posiciona nele de forma que não se veja a sua genitália e com o olhar cabisbaixo, podemos perceber, então, que ele não quer aproximação, ou será um iniciante na questão dos encontros sexuais.

Salientemos que a paquera é o primeiro passo para a prática sexual nesse ambiente. O *habitué* que fica do mictório, na maioria das vezes no urinol, observando o movimento das demais, espera a chegada do parceiro. Caso um homem lhe interesse, o ele fixa o olhar.

Quando é correspondido, mostra o pênis ereto e faz um sinal para se dirigir a uma das cabines. Nela se consuma o ato sexual. Ou se a paquera é interrompida com a presença surpresa de um frequentador desinteressado, é costume o *habitué* que está em busca de outros, sair do urinol.

Algumas vezes, ele olha fixamente, gesticula e segue para outro mictório numa área de aula onde a movimentação seja menor ou mais tranqüila. Porém pode haver aqueles que levam a pessoa paquerada para o carro e de lá seguem para um lugar diferente. Relata um *habitué*(6): “ *Por duas vezes aconteceu de um cara me pegar no banheiro e a gente ir para outro lugar. A primeira foi no banheiro da área central , ele fez um sinal pra sair e eu fui atrás dele. Ele entrou (dentro) no carro e abriu a porta para mim. Como já estava anoitecendo, demos umas voltas pelo Campus e não achamos um lugar isolado. Até que fomos parar perto da capela do Campus. O carro tinha vidro fumê deu, para fazer sexo oral nele numa boa. Depois, ele me largou no setor de aula e pronto... Noutra ocasião encontrei um cara no banheiro do setor I, andamos por todos os banheiros daquele setor, mas o cara parecia muito nervoso e fomos no carro dele para a área B. Lá tinha gente também e o cara não queria ficar. Já ia desistir quando ele sugeriu um banheiro da área E. E então, lá nós dois nos masturbamos...*”

No sanitário do Bloco E (área A), resolvemos observar pela fenda da cabine certo *habitué* que estava no urinol. Pouco tempo depois, entra um rapaz e fica no outro lado do urinol. Ele começa o mijar. O *habitué* observa o corpo e o pênis dele, que a essa altura fica ereto. O *habitué* busca pegar o pênis, mas o rapaz, com receio, não deixa. Então, ficou encarando o parceiro e se masturba enquanto levanta a camisa um pouco para mostrar os peitorais. Ele pronuncia algo baixo e ele lhe mostra um pouco a bunda. Em seguida se aproxima dele. O *habitué* masturba-o enquanto vê se tem alguém vindo. Então, gesticula e

sai para perto da porta de uma cabine e diz baixo: *vem*. Do urinol, o rapaz caminha e entra. O engate da relação consumada na cabine teve antes uma provocação prévia pela observação, gestos e gostos expressos e dentro de um tempo mínimo.

Quando estávamos no banheiro, certa vez, observando as interações, um *habitué* estava sozinho dentro do banheiro. Ele representava lavar as mãos e procurava ver quem é que vinha. Se o usuário lhe interessava sexualmente, o *habitué* ficava se olhando no espelho representando estar ajeitando o cabelo e a roupa, mas na verdade ele observava as pessoas que chegavam. Então, o *habitué* procurava enxugar as mãos. Não existe toalha nos mictórios, ele ia à cabine em busca de papel higiênico. Se não encontrava papel, ficava no meio do ambiente e enxugava as mãos na calça e vê outro freqüentador com um sorriso.

Saber conduzir-se nessas horas equivale à garantia de ter um parceiro para a prática sexual. Portanto, é importante forjar o clima sensual impregnado nos movimentos feitos com postura e posicionamento dentro do espaço: pernas um pouco abertas para dar visibilidade maior à genitália, postura ereta e passo com uma certa lentidão. Se o olhar for correspondido, um toque no pênis e em seguida o caminhar em direção à cabine, onde acontece o ato homoerótico.

A procura por encontros sexuais não acontece só quando há expediente normal. Nos finais de semana, quando o movimento de pessoas diminui pela UFRN, pode haver práticas sexuais sem ter um fluxo de freqüentadores. Relata um *habitué* que certa vez marcou com os amigos do curso para virem estudar no sábado na Universidade, ele lembra: “*Certa vez, eu estava aqui no Setor I, era sábado à tarde, e eu percebi dois caras irem ao banheiro, um de cada vez. Como havia outras pessoas por aqui e que também iam ao banheiro, os caras resolveram ir para as salas mais distantes do Setor. Então, eu fui lá para ver se cabia no meio deles. Quando fui abrindo a porta lentamente, um deles tava sendo chupado,*

empurrou a porta com força, e eu voltei para a sala de estudo.” O habitué relevou nunca ter deixado seu telefone nem e-mail para receber contatos. “Nunca prestei muita atenção nisso, prefiro me envolver no clima quente que tem o banheiro”.

2.6- AS FALAS E O DIÁLOGO.

Durante a pesquisa, ao nos aproximar dos *habitués*, foram realizados diálogos como forma de tornar familiares as situações, pessoas e palavras. Os detalhes e as maneiras de se comportarem dentro do banheiro nos eram esclarecidos nessa conversa. Esses diálogos com os freqüentadores ocorreram especificamente nos banheiros masculinos dos Setores de aulas teóricas A e B e em outros de maior circulação de pessoas, como é o caso dos mictórios masculinos da Biblioteca Central, do Centro de Convivência e da Reitoria. Resolvemos excluir os banheiros localizados nos Departamentos, Centros e laboratórios por necessidade de delimitar os mictórios de *pegação*. Sabemos que seríamos incapazes de realizar tal intento de registrar as práticas homoeróticas em todos os sanitários da instituição, devido ao grande número deles nesses prédios mas estamos conscientes de que esses possuem um arsenal de possibilidades interativas pelas práticas sexuais.

Com a familiaridade do espaço e com os *habitués*, conseguimos em alguns momentos ter uma conversa rica em informações e, por vezes, não muito produtiva pelo confronto e rejeição da pesquisa realizada. Ficávamos no desafio ético de construir uma investigação empírica, sem expor os homens que circulavam pela Universidade e não gostariam de imaginar ter suas interações sexuais expostas numa investigação. Justificavam essas atitudes a partir da condição acadêmica que detinham, com o título ou o cargo que exerciam nos Centros e nos Departamentos. Por outro viés, diziam que as práticas homoeróticas tinham outra dimensão no estilo de vida social. Assumiam como condição

independente do social e não como algo determinante, como as Ciências Sociais se propunham a analisar. Comenta certo *habitué* que rejeitou dar informações acerca das práticas sexuais: “...*Imagina, eu, um doutor, (diz a área) falar sobre minhas idas aos banheiros para uma pesquisa... Tire isso da cabeça rapaz... Isso não vai dar em nada*”.

Já o *habitué*(4), que permitiu uma entrevista, descreve a trajetória de iniciação sexual a partir de sua experiência: “*Comecei cedo a fazer pegação, aos 14 anos*”. A primeira vez se deu num banheiro de um antigo cinema no Centro da Cidade. “*Fui assistir a uma vespéral no Cine Nordeste com meus amigos. No meio do filme, tive vontade de ir fazer xixi. Saí da sala de exibição e fui ao banheiro. Quando cheguei lá, tinha um carinha mais velho do que eu, acho que tinha 17 anos. Ele ficou me olhando mijar, enquanto o pau dele estava duro. Depois, ele pegou no meu pau e começou a me masturbar e em seguida chupou até eu gozar. A partir daí, não parei mais...*” Neste caso, o urinol serviu como espaço para iniciação e procura por práticas homoeróticas. Ele relatou ser protagonista de histórias mais diversas de encontros sexuais. “...*Já cheguei a fazer sexo três vezes ao dia, em vários locais diferentes da Cidade*”.

Quando entrou na UFRN, tinha 25 anos e descobriu que o banheiro da área de Convivência ficava aberto à noite. “... *Em 97, o banheiro do Centro de Convivência permanecia aberto a noite. Então, eu chegava mais cedo do trabalho e ficava por lá... A pegação rolava solta; às vezes, eu fazia sexo com três de uma vez só. Até que um dia mandaram fechar, mas a turma hoje continua a usar os banheiros dos setores de aulas, principalmente os do Setor I.*” Perguntamos ao responsável pela limpeza pelo fato de ele ter sido fechado à noite. Ele alegou que era porque tinha os sanitários das áreas de aulas abertos no mesmo horário. Quando acontece algum evento noturno, o mictório fica aberto e volta a ser local de prática sexual.

Algumas cabines estão com a fechadura quebrada. Um freqüentador comum ficaria chateado de usá-la, sabendo da pequena fenda na porta, que pode revelá-lo urinando ou defecando. Uma forma criativa de os *habitués* se posicionarem é permanecerem trancados na cabine, olharem pela brecha da fechadura, ou deixarem a porta semi-aberta, assim como muitos deles faziam, para paquerar e ver o movimento de usuários.

Assim, resolvemos usar essa tática para a observação e registro da pesquisa. Se estávamos dentro da cabine, ficávamos olhando os outros pelo ambiente. Geralmente, escolhíamos estrategicamente a cabine que estava próxima ao urinol. Isso garantia a capacidade de ver todo o local onde havia a circulação de pessoas.

Quando os *habitués* estão à procura de práticas sexuais, ocorre uma construção de diálogos sem palavras. Eles podem estar simulando lavar as mãos e urinando no urinol. Essas simulações são preliminares que ajudam a observar que tipo e como está o processo de envolvimento. Assim como é uma forma de sociabilidade, pode também atrapalhar a interação entre os dois e afetar na comunicação deles.

2.8-A INTERAÇÃO PELAS MENSAGENS ESCRITAS

A nossa primeira tarefa para a elaboração desse trabalho estava destinada a ter uma “familiaridade” dos banheiros públicos investigados. Assim, buscamos fazer um levantamento bibliográfico das pesquisas já existentes sobre as mensagens deixadas nas paredes e portas dos sanitários. A intenção era a aproximação máxima da questão e o desenvolvimento de um diálogo com os usuários que deixam suas mensagens para contatos.

Entretanto, durante a catalogação delas, o cenário da pesquisa apontava para um trabalho de campo direcionado para as interações entre os freqüentadores dos mictórios

que fazem práticas sexuais. Assim, não deixamos de apresentar nesta parte um pouco sobre os grafites como elemento de apropriação do espaço, ao mesmo tempo que se interagem com eles.

O termo grafite remete tanto aos desenhos, pinturas e pichações de ruas como às inscrições das mensagens nos banheiros públicos. Todas as frases são feitas de maneira clandestina em locais públicos. Desta forma, os grafites são transformados em veículos de interação entre os transeuntes, e concorrem com os letreiros oficiais e publicitários¹¹.

Os antecedentes do grafite remetem ao uso das paredes com o fim de dar forma as reivindicações sociais. Primeiro foram as organizações políticas e comunitárias que tiveram de recorrer às paredes como recurso para transmitir suas reivindicações. Posteriormente, durante o segundo pós-guerra e o forte crescimento populacional da juventude, que se redimensionou como conceito e como realidade, reclamando novos espaços e questionadas diversas formas plásticas de vida, os grafites adquiriram novas expressões, [...] (ARCE, 1999,p.122-123)

As mensagens que vemos nos sanitários fazem parte desse fenômeno de comunicação e ocupação dos espaços, com suas particularidades e detalhes. A diferenciação dos grafites feitos nos banheiros públicos, quer seja numa escola, bar, cinema, centro comercial e rodoviária tem um teor bastante pessoal, escatológico e pornográfico, desvinculado de organização, ao contrário do grafite de rua, cujos grupos são os principais criadores da produção deles. Outro detalhe divisor será o instrumento utilizado para escrever. O *spray* e a tinta são usados pelos grupos de rua. Já os instrumentos

¹¹ As inscrições de mensagens, pinturas e desenhos feitos pelos povos da Antiguidade, utilizando os mais variados objetos para grafitação, nas paredes dos monumentos, templos e muros da cidade, receberam a denominação de grafito (do italiano: *grafitto*, vindo do latim – *graphium* - gráfico, estilete – e do grego *graphaim* – escrever). A palavra grafito está associada ao mineral de cor negra, conhecido como carbônio cristalizado, do qual se fabrica o lápis.

para fazer as mensagens em portas, cabines, azulejos e até no chão dos mictórios são variados: de canetas esferográficas e hidrográficas até estiletes e canivetes.

Os grafiteiros de rua escrevem mensagens para grupos rivais e protestam contra o sistema capitalista e a ordem social. A prática do pichar atravessou os séculos como fato social e hoje é fácil de ser notada nas ruas das cidades. Em quase todas as áreas urbanas, os grafites são vistos em muros, prédios e monumentos. Assim afirma Barbosa acerca da história das pichações presentes nas culturas (1984, p.77):

A produção de grafites se espalha por muitas paredes afora: milênios antes de inventar a primeira latrina, o ser humano já cunhava seus grafitos. Nesta forma de expressão escrita – a mais remota que se conhece - ficaram registradas mensagens inúmeras civilizações através dos tempos. Desde as cavernas pré-históricas e as ruínas da Antiguidade (Grécia, Egito, Roma, Pompéia, monumentos astecas e maias etc), Até as contemporâneas pichações nos muros, postes, tapumes, pára-choques de caminhões e as inscrições anônimas em cédulas de papel-moeda, as comunicações através de grafitos têm papel marcante na história da cultura humana.

Na Antiguidade Clássica, também já foram encontradas frases e desenhos que se faziam presentes nos espaços de banhos. Isso contraria a idéia de que inscrições em sanitários públicos sejam um fenômeno da sociedade urbano-industrial, uma vez que na Grécia Antiga foram catalogados e descobertos desenhos e frases em ambientes usados para a prática homoerótica. Em *A homossexualidade na Grécia Antiga*, Dover (1994,p.24) afirma que os grafites foram fontes históricas para se entender o modo de viver a sexualidade naquela cultura:

A literatura faz alusão a três tipos de *grafiitti*[...] ¹². Considerações de todas estas categorias indicam que eram muito mais comuns as expressões de admiração pela beleza de homens do que expressões de malícia política ou pessoal, ou de ridicularização. Mas estas considerações também nos

¹² Este autor utiliza a palavra grafite com dois “t” e com o “i” no final.

advertem para a vasta gama de significações que qualquer inscrição em vaso ou *grafitti* possa ter.[...]

Mais adiante, Dover (1994,p.157) expõe aspectos que ilustram as particularidades na cultura grega em relação às relações homoeróticas. Os *grafitti* destinados a essas questões estão ligados a expressarem publicamente os praticantes delas e seus vínculos em exercerem o papel de *erômenos* e *erastes*¹³ :

[...] *grafitti* anônimo o aclamavam por sua bela aparência [...]. A passagem dos *Acarnenses* expressa a paixão de Sitalques pelos Atenienses, imaginando o rei agindo como um *erastes*, que escreve nas paredes o nome de seus *eromenos*, seguido de ‘belo’.

Quanto ao uso de palavras ofensivas e condenatórias observadas na nossa atual realidade, percebemos que na Antiguidade o processo ocorria de forma quase inversa. As mensagens daquela época exaltavam muito a beleza e os envoltimentos sexuais das pessoas. Vejamos como o autor descreve o fato de os sujeitos serem importantes para entender as relações eróticas entre os gregos:

Os *grafitti* arcaicos em rochas na ilha de Terá, dos quais alguns datam de até 400 anos antes de Calímaco, incluem os seguintes: Córax (?) é bom, [...] Ainésis é forte [...] Meníades é o primeiro.
É ademais deste pano de fundo que nós devemos considerar mais um fenômeno que naturalmente um papel importante no estudo dos costumes homossexuais dos gregos pelos estudiosos modernos, embora (a pintura de vasos de um modo geral) não seja mencionado pelos autores da Antiguidade: [...] (1994, p.160-161).

Os usuários de urinóis e latrinas escrevem e desenham aspectos particulares dos atos sexuais no intuito de ir encontrar outra pessoa que o frequenta. De determinada forma, por possuírem uma certa estética e comunicarem de modo simples são alvos de apropriação de

¹³ O *eromeno* seria o adolescente e o passivo sexual e o *eraste* teria o papel ativo. Mas, se estabelecia pela relação sexual uma ética sexual, valores morais, políticos e militares. (FOUCAULT, 1984, p. 170)

novas formas de publicidade, da moda e da decoração. Acerca disso, observa Martin-Barbero (2001, p.288):

Outros bons exemplos da criatividade estética popular na cidade são os grafites ou pichações, as decorações de ônibus, o arranjo das fachadas, os cartuns e até a cenografia das vitrines de armazéns populares. Dentre todas essas expressões, talvez seja o grafite a que apresenta uma transformação mais sintomática das mudanças em curso no modo de existência do popular urbano. Trata-se do lugar da mestiçagem da iconografia popular com o imaginário político dos universitários. Enquanto a tradicional doutrina ideológica escapa à estreiteza formal da escritura e ao simplismo panfletário, recuperando a expressividade e a polissemia da imagem, a “pichação” popular sai da clandestinidade dos sanitários e estende sua iconografia obscena e blasfematória pelos muros da cidade [...] Diversos modos de rebelião se encontram e se misturam tatuando o protesto pela cidade [...].

Na pesquisa, não contemplamos o aspecto estético e artístico das frases e ícones. Porém, durante a investigação bibliográfica descobrimos que o artista plástico Victor Arruda se destaca como um pintor singular. Seu talento reside na fonte de inspiração, que é o erotismo dos desenhos e o traço das mensagens que ele pesquisa em incursões aos banheiros públicos. Em entrevista à revista *sui generis*, ele afirma da estética das mensagens e desenhos nos sanitários:

[...] me inspirei também nos escritos e desenhos eróticos dos banheiros, que sempre me impressionaram. Eram de uma espontaneidade que faltava na pintura erudita da década (de setenta), voltada para o minimalismo e o conceitual. Usar esses elementos nas artes plásticas, foi idéia minha. (ARRUDA, 2000)

As frases e os símbolos pornográficos mostram contornos artísticos dos frequentadores, revelando as potencialidades de escritores e desenhistas. É nessa situação também que o relacionar-se com o outro aflora como próprio elemento da criatividade. A partir dessa constatação, podemos ver que o mictório público se configura como um espaço

de exercício de sociabilidade¹⁴ que visa, pela mensagem sexual, a um encontro entre pessoas desconhecidas que querem fazer contatos e apropriar-se do local pelas relações homoeróticas.

Uma pesquisa na literatura, tanto internacional como nacional, mostra –nos a busca por encontros sexuais em banheiros públicos como elementos que compõem o cenário de personagens e histórias. Na literatura francesa, no livro *Querelle de Brest*, o escritor Jean Genet (1984, p.13-14) relata:

[...] O tenente Seblon, antes de desembarcar pela primeira vez em Brest, pegou um lápis ao acaso sobre a escrivaninha e o apontou com cuidado. Colocou-o no bolso. Em seguida, supondo que talvez as paredes de ardósia seriam escuras ou granuladas demais, levou algumas etiquetas adesivas. Em terra, com um pretexto banal, “abandonou seus companheiros de bordo e, entrando no primeiro mictório que encontrou, no alto da rua de Siam, após ter aberto a braguilha. Vigiando os arredores com precaução, escreveu sua primeira mensagem: *homem jovem de passagem por Brest procura belo rapaz com pau bonito*. Ele tentou, sem conseguir, decifrar as inscrições obscenas. Enfureceu-se com o fato de que um lugar tão nobre fosse sujado por pichações com tendências políticas. Voltando-se, então, para seu próprio texto, leu-o mentalmente sentindo uma emoção tão grande, como se tivesse descoberto, e o ilustrou com uma *pica de tamanho monstruoso, rígida*, exagerando a ingenuidade do desenho. Depois, saiu tão naturalmente como se estivesse apenas urinado. Percorreu assim a cidade de Brest, entrando deliberadamente em cada mictório.

Já na literatura brasileira,

Prefiro lembrar um delicioso conto de Aguinaldo Silva, em que uma *bicha debutante*, mas muito curiosa, resolve visitar o cinema Íris – paraíso popular da *pegação* carioca – para conferir a existência de certa frase escrita nas paredes do banheiro local. Mergulhado como um Dante no inferno, o personagem tateia na escuridão do cinema [...]. Dentro do banheiro, a fumaça dos cigarros e a luz mortíça deixam entrever uns trinta homens, num clima de erotismo macabro, que o fedor de urina velha só acentua. Aí, abrindo caminho por entre machos que gemem e suspiram em vários tons, a *bicha debutante* depara-se finalmente com a reveladora frase escrita, entre caracteres enormes, nas paredes de uma privada em ruína: O cinema Íris também é Brasil. (TREVISAN, 2000, p. 25-26);(SILVA,1986, 17-19)

¹⁴ Georg Simmel (1983) observa que a sociabilidade se dá especialmente pelo conteúdo das relações e não pela forma. Podemos ter essa referência de sociabilidade nos banheiros.

Buscamos conhecer o processo de interação sexual pelas mensagens. Decidimos escrever um e-mail e deixar o número de telefone nas portas de determinadas cabines para ver o que aconteceria. Escolhemos um nome fictício e escrevemos, a partir do mesmo teor das mensagens, as preferências sexuais e como desejávamos os parceiros. Deixamos os nossos contatos nas portas do sanitário do Centro de Convivência, Setor I e II.

O resultado veio em pouco tempo: uma semana depois apareciam na caixa de e-mail mensagens e, em quinze dias, por telefone, pessoas entraram em contato. Eram propostas de práticas sexuais em grupo, questionamentos acerca das nossas preferências sexuais. Queriam saber se éramos ativos ou passivos, se tínhamos locais próprios para o encontro, etc. Mas quando falávamos que se tratava de uma pesquisa, e que queríamos saber como conseguiram o telefone ou o e-mail, eles tinham pouca conversa, pois estavam somente interessados em relações sexuais.

As mensagens respondidas por e-mail eram curtas, semelhantes às encontradas nos grafites. Obtivemos poucas respostas quando escrevíamos dizendo que era só uma pesquisa. Os *habitués* se diziam ocupados e não queriam criar laços comprometedores com as perguntas. Embora esclarecêssemos o caráter sigiloso da investigação, do anonimato e das informações, a resistência foi a principal atitude por parte deles.

Então, decidimos ter contato com *habitués* pelos números de telefone deixados nas portas das cabines. Alguns telefones não existiam mais ou estavam desligados constantemente. Um homem que atendeu ao telefone disse ser o proprietário da linha e negou ter deixado o número nos banheiros e até se dizia vítima dessa “brincadeira” por parte de alguém, que ele supunha quem seria, e desejava difamá-lo. Assim, podemos

constatar uma situação em que a mensagem deixada envolve outros além dos *habitués*. Essa frase escrita pode ter o sentido de ligar a terceiros para a prática sexual anônima.

Um deles, que deixou o número do telefone nas cabines, permitiu o registro da entrevista a partir do que conversávamos. Segundo o depoimento de um *habitué*, ele usava como estratégia pôr outros nomes com e-mails diferentes para ter maior abrangência de parceiros nos seus envolvimento sexuais. Tais aventuras acontecem a partir de encontros que são feitos em diversos locais da cidade como praças, *shoppings* e praias. Como forma de se identificarem no encontro, descrevem com quais roupas estarão na ocasião. Ele (*habitué 3*) afirmou que “*nem todos os encontros se concretizam com sexo. Acontece às vezes de as pessoas aparecerem, não gostarem do tipo e irem embora.*” Em outros contatos, o ato nem chega a se concretizar. Acredita que isso acontece com ele, pois já está chegando na “idade madura” (39 anos) e os outros preferem os mais jovens e bonitos.

Ele ainda revelou ser um compulsivo por relações sexuais anônimas com homens másculos, tanto quanto se define. No momento, encontrava-se solteiro. “*Não me prendo a ninguém*”, e diz não acreditar em monogamia. “*... as pessoas são muito hipócritas. Muitas pessoas que já curti são casadas com homem ou mulher e adoram um sexo com outro. Sou a favor da sacanagem*”.

Perguntado a ele se também procurava telefonar para os números ou escrever para os e-mails encontrados nos banheiros, responde: “*Sim, mas que quase sempre não ocorria uma resposta de fato...*”. Afirmou preferir receber telefonema ou mensagem a ir à procura dos parceiros, já que conhecia muitos por meio do telefone: “*Aqui em Natal, todo mundo conhece quem vai ao banheiro em busca de sexo... Você imagine aqui na UFRN! Às vezes aparece carne nova no pedaço...*” Quando queria práticas homoeróticas anônimas, usava o

recurso de ir a qualquer mictório público. Na opinião dele, existe um clima propício dentro dos banheiros da UFRN: “*são ótimos para os encontros...*”.

Mostramos algumas fotos dos grafites e uma lista de telefones registrados. Ele demonstrou conhecer alguns *habitués* descrevendo o tipo físico de cada um, a profissão e o curso que fazia. Em alguns casos, chegou até a citar o bairro onde aquela pessoa morava. “*Aqui em Natal, todo mundo se conhece... eu já sou rodado pelos lugares*”. Parecia interessado em nos convencer que realmente sabia tudo daquele universo de pessoas.

O *habitué*(3) afirmou não deixar de visitar sempre os sanitários quando vai ao Centro, ao *shopping* ou a um hipermercado. Para ele, ir a um lugar e não dar uma passada no banheiro não tem graça nenhuma ter ido ao local. E quanto à ida a locais abertos e públicos, ele vai mais à praia quando chega o verão. Fora disso, prefere ir semanalmente à Via Costeira no fim-de-semana. É nessa hora que banhistas e turistas se encontram pelas falésias e lá fazem relações sexuais. “*Antigamente era legal ir para a parte de trás do morro do Careca, mas hoje tem muito ladrão por lá. Hoje, a turma se mudou para a Via Costeira. É mais tranquilo*”.

Percebeu-se que a prática sexual do mesmo, não se restringia somente ao toalete público, mas a outros locais da cidade. “*Encaro o sexo com a maior naturalidade;, é a mais pura verdade, juro!... Vivemos numa cidade sensual e isso é bom.*” Sentencia ele que não poupa nenhum esforço quando o assunto é *pegação*.

A priori, poderíamos dizer que todas as portas das cabines têm mensagens, porém uma porta contém maior volume de grafites deixados que as demais. Torna-se uma constante encontrar grafites em todos os banheiros. Observando o caminho de todos os freqüentadores e supondo o mesmo dentro da própria cabine, podemos chegar a perceber quem escreve e quem lê. “*...Você tem que escolher a porta ideal e o canto certo para pôr*

a mensagem, seu número e e-mail. Deve ser a porta da cabine que todos usam e também escrever bem legível e onde a maioria possa ler. Caso você queira, pode colocar nas outras portas....” (habitué 3)

Constatamos que algumas mensagens convidam para a prática sexual e são encontradas em todos os banheiros, quer seja nos Setores de aula ou na Biblioteca. Percebemos que os *habitués* fazem uma mensagem no mictório da área de aula C, marcando encontro com data e hora para o banheiro da área B. É uma forma de dizer aos demais freqüentadores que naquela área há *pegação*.

Assim como uma mensagem numa porta de sanitário convoca para ir a outro, uma cabine torna-se a escolhida para o ato sexual ser feito. Fica-se nela paquerando quem está no urinol e leva-se a pessoa a outra, destinada para os portadores de necessidades especiais. É a preferida, como é relatado: “*As cabines feitas para deficientes são ótimas para o sexo, ficam no cantinho do banheiro, tem um corrimão que a gente segura, são espaçosas e tem até chuveiro e papel higiênico*”. Comenta o *habitué*(2). Embora não seja uma regra geral, pois depende muito do que esteja acontecendo e dos homens envolvidos, qualquer cabine pode ser local para a prática sexual.

2.9- OS GRAFITES COMO VEÍCULOS DAS MENSAGENS SEXUAIS.

Como vimos, no banheiro público temos sempre uma porta específica, onde são colocadas as mensagens, embora existam casos de certos mictórios em que o grafite se generalizou por todo o ambiente. Isto ocorre pelo fato de a mesma cabine onde está a porta, ser a mais utilizada pelas pessoas. No momento em que usa a latrina, a pessoa é capaz de ler as mensagens, observar os desenhos e perceber os enfoques de cada frase.

As mensagens escritas são variadas: de grupo de rock, religião, político e solitários; textos e confissões eróticas resguardadas, pois estão contextualmente imersos em grande volume de textos com conteúdo explicitamente pornográfico. Estas são constatações *a priori* obtidas pela pesquisa e catalogação. Procuramos aprofundar a questão mostrando detalhes das mensagens com o objetivo de revelar aspectos que reunimos em grupos de grafites e comunicação entre eles. Essa parte da pesquisa foi importante para mostrar outra questão investigada que é justamente a interação pela escrita da pessoa que escreve e que responde a uma mensagem.

Podemos identificar nas frases a estigmatização em relação à prática sexual. Para Goffman (1975), a definição de estigma é dada numa relação em que são atribuídos comportamentos e expectativas que revelem alguém com defeito e não vista como “normal”. Assim, a pessoa estigmatizada e normal está em um processo comunicante das condutas sociais.

Quando os *habitués* escrevem uma mensagem assumindo o seu desejo sexual, eles estão conscientes de que veiculam uma linguagem, manipulada pelos mesmos. Isso leva a pensarmos que o estigma está no discurso das frases deixadas nos sanitários. Já aqueles que respondem condenando ficam numa perspectiva de normalidade. Segundo Goffman (1975), as manifestações desse estigma são feitas por duas perspectivas: entre normal /estigmatizado e estigmatizado/estigmatizado. A visibilidade dele nas frases serviu para comunicar à pessoa quem o possui e sua transmissão.

Inicialmente, os grafites foram reunidos como um todo. Depois, classificados de acordo com o interesse da pesquisa, isto é, pelo mictório onde se encontravam e o Setor de aula. Agora, são organizadas no sentido de constatar a manifestação das práticas homoeróticas através dos estigmas que só aparecem nos discursos das frases sob forma de

deboche, zombarias e brincadeiras. Alguns agrupamentos são apenas constitutivos do corpo da catalogação das mensagens, sem nenhuma implicação aparente com a teoria do estigma de Goffman (1975). É o caso dos grafites com endereço eletrônico.

Os diálogos através das frases criam uma relação entre os *habitués*. Uma mensagem pode gerar uma repercussão entre eles, desencadeando várias respostas com outros teores. Percebemos a ligação de quem escreve com o leitor e com quem responde. A linguagem e o humor são condições primordiais de todas elas. O poder de gerar um tom anedótico, com poucas palavras, é uma característica comum. Os desenhos são feitos a parte; quase nenhuma mensagem faz alusão a um deles ou a símbolo que está na porta.

Os grafites com desejos pornográficos, quer sejam as preferências “ativo ou passivo”, práticas sexuais em grupo, relações homoeróticas e com mulher, entre outras, procuram intensificar os contatos e a aproximação entre os *habitués*. As mensagens que se referem às relações sexuais mais fora do comum, tornam-se elementos para uma sensualidade construída pela leitura e fantasiada no imaginário do *habitué*.

Conseguimos observar que as frases escritas usam expressões populares como meio de expor quais as pessoas preferidas para o encontro sexual. Os grafites que descrevem o parceiro ativo e passivo podem ser entendidos a partir do estigma de quem assume a condição de dar (o receptor) e aquele que é o possuidor. Necessariamente, nesses grafites, não só se assume a preferência exclusiva por ser passivo e ativo na prática sexual. Mas se pode ter uma outra escolha de acordo com a forma e as circunstâncias do encontro. A própria inversão em que se inscreverá a relação sexual pode mudar o princípio da preferência. Observemos as mensagens escritas nos banheiros:

“Quer dá o cu ou comer um ?”

(mensagem escrita na porta do banheiro do Centro de Convivência)

“Oi, sou ativo, tenho 19 cm e estou doido para meter no seu rabo.”

(resposta)

“Homem de pau grande tem o cu gostoso posso ligar.”

(mensagens escritas no banheiro da Biblioteca Central Zila Mamede)

“Sou ativo/passivo, se tiver afim de me encontrar, deixe um email” (mensagem escrita no banheiro da area B)

“Um cara chupou meu pau e meu cu. Foi a primeira vez no cu. Foi legal!”

(resposta)

“Sorte sua, eu quero dar meu cu e não consigo.”

(resposta)

“Pederastas imundos vão comer vagina”

(resposta)

“Só se for a tua bicha enrustida” (mensagens escritas no banheiro da Biblioteca Central Zila Mamede)

Um grupo de mensagens procura revelar o sigilo de ter tido uma relação sexual com uma pessoa conhecida por todos das áreas de aula e até da Cidade. Ou seja, evocam-se pessoas ligadas a cada local específico e que saberão contextualizar este grafite. As confidências das relações sexuais mostram as vantagens e os detalhes ocorridos. Daí gerar-se uma comunicação de resposta em forma de condenação algumas vezes. São comuns os grafites que frequentemente estão atenuadas por uma resposta debochada. Os escritores exibem os relatos como conquistas e aventuras. Observamos pelas mensagens a seguir:

“Comi o cu de Amanda aqui!” (mensagem escrita no banheiro da área B)

“A mãe de Luiz é puta”.(mensagem escrita no banheiro da área C)

“ Repórter da TV (*nome de emissora*) tem um pau de 23 cm e é grossa. Sofri para agüenta mas foi bom.”

Resposta: “Me dê o fone dele” (mensagens escritas no banheiro da Biblioteca Central Zila Mamede)

“Quem já comeu a professora Maria marque X:(seguem uma seqüência de x)” (mensagem escrita no banheiro da área E)

“kauã, bati uma punheta bem gostosa enquanto imaginava que comia seu cu seu baitola!” (mensagens escritas no banheiro da Biblioteca Central Zila Mamede)

“Ontem tirei a virgindade de minha namorada ela se deitou na minha frente pegou meu pênis, bateu punheta, expo a enorme (nome indecifrável) da glande, estava tarado. A boca chupou até ser lambusada por jatos gordurosos de esperma...cobri a plenitude de seu rostinho com uma grossa camada de gala quente e pegajosa. Enquanto ela deliciava meu salgado sumo, deixei sua calcinha e expus seu fundão macio. Fiz a rola ereta deslizar as flanduras anais e vaginais em berros e palavrões afundei o cacete até o saco em sua xoxota virgem. Esfolei suas carnes vaginais, viscosas e succulentas intronizei o pau e a fiz subir e descer, enquanto apalpava suas coxas. Sodomizado, arrombado e buceta dedada”

Resposta: “Aí mente!” (mensagens escritas no banheiro da área B)

“Dão e chupam: Azul, Dantas e Cláudio.Vigias *gays* da UFRN.”

Resposta: “Índio também” (mensagem escrita no banheiro da área E)

“ Salviano come Hélio”

Resposta: “Então me dá o tel. Dele q. cu quero dar!” (mensagem escrita no banheiro da área E)

“Comi o prof. Ariano na UNP” (mensagem escrita no banheiro da área E)

Assim, a mensagem com referências à felação é outro tema freqüente, escrito em meio à linguagem comum. É um ato preferido tanto por quem quer uma prática homoerótica como quem grafita em algumas das cabines. Recolhemos em nossa pesquisa os mais significativos:

“Quero chupar uma pica” (mensagem escrita no banheiro da área B)

“Adoro mamar gggg200@yahoo.com.br” (mensagem escrita no banheiro da área A)

“Eu quero transa com um macho bem gostoso, quero chupar seu cacete até que goze em minha boca e depois penetrar. Sublime tesão!

Deixe seu celular que eu ligo”

Resposta:

“94xx 6616¹⁵

94xx 0872 “(mensagens escritas no banheiro da área B)

“23/04/04

Quero ser chupado

Marque:

Resposta: “Deixe e-mail ou fone 29/04/04”

Resposta: “Totalfun@bol.com.br”

Resposta: “dia 07/05 20:30

Resposta: “marque de novo 26/05/04” (mensagens escritas no banheiro da área C)

“Chupo marc-hsx@bol.com.br” (mensagens escritas no banheiro da área E)

A grande constância de frases sobre homoerotismo aparecem com maior quantidade na catalogação das mensagens. Temos uma parcela que condena a relação sexual entre homens. Poucos grafites fazem referências ao lesbianismo. As mensagens preconceituosas são expressas num *quantum* de ódio e morte e também numa reverência religiosa para a prática homoerótica.

Salientamos que na compreensão dos grafiteiros a vivência sexual perpassa os vários tipos denominados de *gays*, *bichas* e *veados*, associados a algo mais como condição: profissionais, estado civil, faixa etária e tipo físico. Assim, a prática sexual entre homens fica associada a outras predisposições sociais na pessoa. Vejamos as seguintes mensagens:

¹⁵ Os números dos celulares foram mudados para resguardar a privacidade dos *habitués*.

“bicha é mutação mesmo, mas com características selecionadas, melhores adaptadas na natureza”

Resposta:

“E os preconceituosos não, com o tempo entra em *extinção*” (mensagem na Biblioteca Central Zila Mamede)

“Nessa universidade só tem bicha. Morte as bichas vergonha do mundo.”

Resposta:

“Bichas são seres evoluídos futura da nação”

Resposta:

“bichas são mutações da natureza”

Resposta:

“Erros na matrix” (mensagem na Biblioteca central Zila Mamede)

“Se homossexualismo fosse correto deus teria criado Adão e Ivo!”

Resposta

“Quem não garante q Eva ã era Ivo?”

Resposta

“A reprodução sexuada imbecil!” (mensagem na Biblioteca central Zila Mamede)

“vocês são malucos”

Resposta:

“Malucos?!?! Eles são é muito machos! Agüentar um cacete no meio da bunda não é para qualquer um não!! Eu, particularmente, não me acho macho suficiente pra ser boiola!!”

Resposta:

“aproveita tolinho” (mensagem na Biblioteca Central Zila Mamede)

“O velho viado é maníaco neste banheiro” (mensagem escrita na porta do banheiro do Centro de Convivência)

“Professora Maria ...Sapatão” (mensagem escrita no banheiro da área E)

“Exterminador de bichas e gays. Cuidado filhos de uma puta, se eu pegar, eu mato.”

Resposta: “Então você é um suicida” (mensagens escritas no banheiro da área E)

“75% dos homens do RN são gay enrustidos!”

Resposta: “Oba! Sobra boceta em banda de lata!”

Resposta “É o pica de aço!!!” (mensagens escritas no banheiro da área B)

“No RN 75% dos homens são *gay* encubados.”

Resposta: “E as mulheres gostam de outras, haja sapas!!!

Macho só tem em PE ”

Resposta:

“ e no CE, PB,AL e BA” (mensagens escritas no banheiro da área A)

“viado morra” (mensagens escritas no banheiro da área D)

Agrupamos também mensagens que descrevem detalhes do corpo e da vida do parceiro desejado. Busca-se realizar a fantasia do encontro sexual com um homem idealizado, como se procura, pela mensagem, expor, seduzir e atrair o outro para o contato. Evidente que tais frases podem ser uma projeção de quem a escreveu. Observamos as seguintes:

“Sou branco; 1,70 m; 69 kg; liso; peito/barriga; discreto; másculo; ativo/passivo; 18 cm; aréola anal elástica; gostoso – marque encontro.local

Resposta: Próxima seg (dia 02)

Resposta: aqui 1:30” (mensagem escrita na porta do banheiro da Reitoria)

“Sou loiro, bonito, másculo, 22cm de cacete, fortão, louco para ser possuído por um macho de verdade. Gosto de bem dotados e negros” deixe recados”

Resposta:

“Quero fuder com vc esteja aqui quinta 16/09/04 as 18:30.”

Resposta:

“Não deu pra vir deixe seu nº celular”

Resposta:

“venha de novo 07/10/2004” (mensagens escritas na porta do banheiro da Reitoria)

“Sou moreno 1,80, gosto de 20 cm de tora que esta quase esportando. Afim de caras sarados. Se você é sarado, jujiteiro deixe recado 21/04/04” (mensagem escrita na porta do banheiro da Reitoria)

“Procura-se alguém para namoro ou algo + de 19 a 40 anos 9xx23972 solt/casado (14/10/04)” (mensagem escrita na porta do banheiro do Centro de Convivência)

“Sarg. Bombeiro 26 anos casado

morenaço 1, 78 72 Kg sarado

20 cm de mangueira dupla bem vindas

ativ/pass. 8818- 5503

herculxxferraz @ bol .com.br.” (mensagem escrita na porta do banheiro da área b)

“Quero comer a bunda de um barbudo (abril/2004)” (mensagem escrita na porta do banheiro Da área B)

As mensagens escritas também dirigem-se para envolvimento grupal entre homens, geralmente cobertos por uma proposta de sigilo. Somente um grafite buscava o encontro com a presença de mulher. Observe como sugerem as frases a seguir:

“Toda 1ª semana do mês tem surubão ‘valetudo’ só para macho (ativ.pass) participe vc também. Informação xx371429” (mensagens escritas no banheiro da área B)

“Se vc quer ser mamado e curte sexo a três”

Resposta:

“Eu curto ligue xx16-7104” (mensagens escritas no banheiro da área C)

“Quero fazer sexo a três Lucas (telefone riscado)” (mensagem escrita na porta do banheiro do Centro de Convivência)

“Quero grupo ligue xx11 53 41 Marcelo”

Resposta:

“ligue xx74-549” (mensagem escrita na porta do banheiro do Centro de Convivência)

“Tive uma experiência de três foi maravilhosa. Queria ter novamente mas com outra dupla. Se você tem alguém que deseja junto com você, vamos aproveitar a vida pois só temos uma. Marque”
(mensagem escrita na porta do banheiro da Reitoria)

“Casal bi, ele bi ativo/passivo

procuramos bi ativo/passivo para transar a três: vanessakalilxx @ hotmail.com
gaxxmolhado30@ hotmail.com”

Resposta:

“Tô afim xx16-7164” (mensagem escrita na porta do banheiro da área B)

Um aspecto particular dentro dos grafites nos banheiros atuais é a presença das frases deixando o número do telefone celular e do e-mail. Esse foi o maior número de mensagens encontradas durante a pesquisa. Alguns endereços eletrônicos e telefones foram encontrados em quase todos os mictórios dos Setores.

Dessa maneira, temos uma seleção de frases somente com os telefones e e-mails, sem nenhum comentário ou alusão ao perfil sexual. Outros pedem que deixem o telefone e e-mail para eles entrarem em contato. Esta constatação foi registrada no período da pesquisa de campo. Preferimos deixar os telefones com os números trocados em anexo. Já em relação ao endereço eletrônico, verificamos que eles tinham sido dos próprios escritores, pois os nomes sugestivos dos *habitués* já demonstram uma certa impessoalidade.

Abaixo destacamos alguns:

“Pelointimo@ ig. com.br”

gnatal200@ yahoo.com.br” (endereço escrito no banheiro da área A)

“tinox @bol. com. br

“Entreiguais 69@ hotmail.com”

“anjosrael1981@ bol.”

“Pelointimo@ ig. com.br”

“Nabucodonozor23@ zipmail. com. br ”

“Fonopsia@yahoo.com. br”

“Samuelhugess @ com.br” (endereços escritos no banheiro da área B)

“Sousavinicius@bol.com.br”

“gnatal200@yahoo.com.br19/08/04

“funtotal @ bol. com.br”

“marc-hsx@bol.com.br”

“soueumesmo200@yahoo.com.br” (endereços escritos no banheiro da área C)

“negrodeolhosvermelhos @ yahoo. com.br”

“eroide_Brasil @ yahoo.com.br”

“marcosags2003@ yahoo.com.br

“negrodeolhosvermelhos @ yahoo.com.br” (endereços escritos no banheiro da Biblioteca Central)

“raptorsex@ bol.com.br”

“Pelointimo@ ig. com.br” (endereços escritos nos banheiros de quase toda UFRN)

Os traços e desenhos são em pequena percentagem, nunca feitos em grande quantidade. Alguns deles aludem a time de futebol e grupos de rock. Isso pode ser justificado pelo fato de a maioria dos freqüentadores serem jovens universitários e procurarem, pelo grafite, a exposição de seus gostos esportivos e musicais. Os poucos desenhos pornográficos vistos tinham apenas o tom de ilustrar os significados das palavras expostas. São mais comuns os pênis e os desenhos de relações anais, acompanhando as mensagens ao lado.

Embora pouco estudados, com pretensões culturais e ignorados pelas pesquisas acadêmicas sobre a literatura, os grafites desenvolvem-se, recriam a ordem das palavras e sentido semântico. Por todos os banheiros possíveis, haverá uma produção de mensagens sexuais buscando uma expressão e interação com o coletivo.

As práticas sexuais mencionadas nas mensagens variam de acordo com a exposição no espaço em que estão colocadas. Deixar palavras obscenas numa parede ou porta de uma

cabine talvez possa ser considerado menos indecente do que deixá-las num outro espaço social. Todas as pessoas que leram as mensagens sexuais estarão resguardadas de um isolamento. A condição de privacidade, com variadas intensidades, marcam o instrumento utilizado sobre proteção oficial. Esse isolamento garante um diálogo livre de censura. Aqui nos referimos à linguagem do discurso, solta da vigilância social.

Quando os freqüentadores escrevem num banheiro, eles expressam o desejo sexual na perspectiva de comunicar a todos os usuários práticas sexuais. Dessa forma, amplia-se a interação com os demais e também se interagem pelo grafite seus atos sexuais, tornando-os um meio de promover os desejos eróticos. Assim, os *habitués* viabilizam esse veículo para a realização das suas interações sexuais.

CAPÍTULO III

3.1- A CONSTRUÇÃO DAS PRÁTICAS HOMOERÓTICAS

O debate em torno da distinção das relações afetivas e sexuais entre pessoas do mesmo sexo e das demais formas de *sexualidades* é um tema bastante recorrente e polêmico. Compete-nos aqui descrever esse fenômeno a partir de teorias sociais e antropológicas que servem para justificá-lo pela realidade particular que emerge de tais expressões.

A prática homoerótica (ou homossexualidade) é algo tão antigo como a própria formação cultural do homem. As referências à vivência dessa prática extrapolam questões morais e contextuais em que emergiam as relações sexuais. Seria impossível fazermos um panorama de teóricos e das questões que abordam o tema. Assim, fizemos um traçado histórico-social como elemento importante para esse capítulo, valendo-nos antes dos aspectos culturais do que propriamente da prática sexual em si.

Costa (1992, p.38) observa que, antes do século XIX, a sodomia era vista como um ato proibido, independentemente de quem a praticasse. A partir desse século, o homossexual é visto como um “personagem”, compreendida como uma pessoa, com uma história, um passado e uma forma de vida, representando aspectos patológicos para a sociedade. Assim, a figura do homossexual era vista de forma doentia, criminosa e pecadora. Porém o autor afirma que as definições da homossexualidade naquele contexto serviram também para as condutas sexuais consideradas normais. Portanto, a personificação da sexualidade torna-se uma invenção para repertórios de estilos que variam do normal ao patológico.

Dissertar sobre esse tema é evidenciar o seu caráter plural, ou seja, em uma determinada situação cultural podem conviver diferentes formas de vida sexual, um campo

expressivo bastante amplo. Dentro de um contexto de moralidade, alguns desses estilos de vida são tratados como *desvios* e *anormalidades*. Já observamos o processo de estigmatização a partir da teoria de Goffman (1975). Assim, são desenvolvidos modos de manipulação social variados que emanam da representação do desviante sexual. Entre essas maneiras, estão a acusação e os valores das normas.

Peter Fry (1982, p.90-91) utilizou quatro componentes básicos para constituir uma análise sobre as formas de vida sexual nas relações homossexuais: sexo fisiológico, papel sexual de gênero, comportamento sexual e orientação sexual. Em sua pesquisa, visou agrupar as expressões da homossexualidade de acordo com as variantes culturais nas quais os homens estão inseridos. Observou as relações homossexuais entre as classes populares e médias e uma correlação das classificações de igualdade e diferença que permeiam as pessoas. Nas classes populares, as relações homossexuais têm um forte teor de hierarquia a partir do papel sexual, enquanto que, nas classes médias, ocorria um sentido de igualdade na relação sexual, independente do papel sexual assumido.

Os estilos de vida imprimem à existência de práticas sexuais categorias variantes de hierarquia e igualdade entre os parceiros. Embora sua análise possa receber críticas pelo dualismo de reduzir as relações sexuais a aspectos como atividade e passividade sexual, não deixamos de acreditar no sentido relacional que apresentam os componentes utilizados como formas importantes de ver a *sexualidade*.

O uso comum do termo homossexual está ligado ao comprometimento de uma dominação médica e teórica da psiquiatria. O desenvolvimento de estudos e pesquisas procura retirar cada vez mais esse rótulo em relação à diversidade sexual apontando para uma *sexualidade* ampla, construída a partir de experiências sociais. Os estudiosos e pesquisadores preferem utilizar condutas identitárias para os agrupamentos pesquisados a

estudar a simples relação sexual. Colin Spencer aponta os anos sessenta como um marco referencial de união das *sexualidades* em volta dos seus estilos de expressão:

“Os *gays* do Circuito encarnaram o ícone masculino inspirado no *Cowboy marlboro/fortão*. Buscavam uma imagem musculosa e dura de *matador*; usavam camisas de flanela xadrez, calças Levis de abotoar, botas de trabalho, cabelo curto e bigode. Os jeans evidenciavam o traseiro e a genitália- eles não usavam roupa de baixo, para aumentar a exposição-, e seus bolsos deixavam a mostra chaves e um lenço, que indicavam suas preferências por determinados tipos de atos sexuais e posições.” (SPENCER, 1996, p.355)

Nesse mesmo período, também são registradas mudanças na conduta sexual na sociedade Ocidental. Acontecimentos sociais como a primavera de Praga e, em Paris, as manifestações estudantis, são fatos históricos e políticos até hoje lembrados como marcos referenciais para assumir posturas na sociedade. O movimento *Hippie* e seu ideário político da paz e do “*amor livre*” espalham-se pelas sociedades Ocidentais. Vamos perceber nesse movimento a busca da emancipação sexual dos paradigmas moralistas, que classificavam as *sexualidades* fora do padrão como questões desviantes. O cenário mundial se preparava para o surgimento do movimento político dos direitos civis, encabeçado pelos homossexuais. A rebelião no Bar *Stonewall*, em New York, é um marco também representativo, como diz o próprio autor ao afirmar que a história pelos direitos civis dos homossexuais tem seu ponto de partida naquele local:

“A polícia de New York havia invadido um bar *gay* chamado *Stonewall*, na rua Christopher, no bairro de Greenwich Village, alegando infração da permissão para vendas de bebidas alcoólicas. Mas os fregueses, juntos com os *gays* dos bares, dos quatinhos dos fundos e outros quartos existentes na rua, contra-atacaram durante dois dias e duas noites. O tumulto foi uma explosão de raiva e frustração de um pequeno grupo de jovens homossexuais. [...]” (SPENCER, 1996, p. 344)

Dessa rebelião começou a se evidenciar uma maior organização em prol da defesa dos direitos civis dos diversos grupos sexuais. Portanto, a revolta de *Stonewall* contribuiu para a alteração do comportamento de uma parcela de homossexuais da sociedade na luta pelos direitos sexuais. Hoje, o dia do orgulho *gay* (as paradas GLBTs) leva às ruas milhões de cidadãos com diversidades sexuais¹⁶ em todas as partes do mundo. Muitos ativistas dos movimentos sexuais lembram outros fatos ocorridos na história, antes das rebeliões de *Stonewall*, que podem ser significativos para a luta dos direitos civis. De qualquer forma, a história das expressões sexuais está associada à noite no bar *Stonewall*, em 28 de junho de 1969.

Na década de setenta surgem discotecas. As pessoas com preferências sexuais homoeróticas tornaram-se mais visíveis nos espaços públicos e também contestaram os rótulos postos na vivência das identidades sexuais. Pollack reportou-se a este espaço público como um local para mudança de estilos de vida na onda homossexual:

“O fenômeno da *discoteca* simboliza o efeito de moda que o ambiente homossexual exerce atualmente em determinados setores da sociedade. Toda *discoteca* que se preza tenta atrair também uma clientela homossexual e criar um clima ambíguo, no qual todos os gostos se misturam. Uma grande quantidade, senão a maioria dos sucessos de *discoteca* que vêm dos Estados Unidos, faz alusão à homossexualidade. [...]” (POLLACK, 1982, p. 71)

Outro fenômeno mundial que muda o modo de ver a *sexualidade* foi o aparecimento da AIDS. A Aids obrigará de forma direta e generalizada a sociedade a falar das práticas sexuais. Escolas, igrejas, sindicatos e outras instituições começam a ver a perda de seus membros pela contaminação do vírus. Além das pautas comuns presentes nessas instituições, elas se vêem na necessidade de discutir as questões afetivas e métodos

¹⁶ Esse termo está sendo usado pelo movimento e imprensa para as expressões do homoerotismo.

preventivos. Fala-se de relações sexuais associadas à morte. Com o desenvolvimento em larga escala da doença, os chamados “grupos de riscos” deixam de ser rotulados e passam a ser considerados como situações de contaminação. Assim, temos um efeito retroativo de pensar as sexualidades como algo que acontece nas interações das pessoas, pois, a princípio, o que era visto como um vírus restrito a uma parcela da população torna-se comum a todas.

A visibilidade político-social relacionada a questões como a prática sexual, determina a sociedade de uma maneira tal, que esta começa a perceber que a homossexualidade se incorpora a certas condições como: grupo de consumo, com uma linguagem, com um modo de se vestir e com variantes simbólicas que vão colaborar para o surgimento do termo *GLS*.

Devemos observar que esse termo compõe um segmento urbano de consumo. As pessoas se encontram na faixa social de poder econômico capaz de garantir o deslocamento próprio para os pontos de encontro, o pagamento da entrada nas boates, o poder aquisitivo de comprar roupas e perfumes, a ida ao cinema, as viagens de turismo, as atividades físicas e outras características. O conceito *GLS* permitiu certa democratização do território *gay*, atravessando barreiras e projetando as identidades sexuais para espaços mais amplos, dentro da sociedade, como observa o autor:

“[...] Nos anos 90 apresentaram várias inovações fundamentais no liberalismo homossexual brasileiro. A primeira e mais importante foi um verdadeiro ovo de Colombo conceitual de *GLS*- Abreviação Gays, Lésbicas e Simpatizantes. A genialidade dessa saída foi introduzir num contexto brasileiro a idéia americana de *gay friendly*, de modo simples e adequado ao nosso jeitinho. Ou seja, houve uma apropriação da popularíssima sigla que qualificava certos modelos de carro nas categorias *GL (Gran Luxo)* e *GLS (Gran Luxo Super)*, bem ao gosto da população média e de teor profundamente contemporâneo- o que facilitou a disseminação e implantação do conceito. [...] A sigla *GLS* facilitou o terreno para uma outra novidade da década: a eclosão, em

larga escala, de atividades culturais claramente ligada à homossexualidade, mas a repercussão social para além das fronteiras da cena guei.[...]" (TREVISAN, 2000, p. 376-377)

Nos ambientes de frequência *GLS*, misturam-se as fronteiras de grupos sociais e abre-se uma vivência da *sexualidade*. Os chamados clubes *gays* evidenciam algumas condições: ter aonde ir, encontrar o objeto de desejo e experimentar a possibilidade de práticas sexuais. Porém a partilha dos estigmas e a discriminação moral se evidenciam nas relações entre os fregueses. O próprio espaço passa a ser também um lugar povoado por exclusão e indiferença entre seus frequentadores.

Dentro delas, os fregueses se espalham por afinidades simbólicas e discriminação a gostos opostos. Isso quer dizer que as variedades de expressões da sexualidade têm lá suas fronteiras internas. No espaço dessas casas, estão os grupos identitários: As “Barbies” musculosas, as “*Drag Queens*”, as “Bibas” (entendidos), As “bolachas” (lésbicas másculas) e “*Lesbian Chic*” têm suas posições e seus encontros marcados nessas boates¹⁷.

Algumas lésbicas não toleram os travestis. As *barbies* musculosas acham de mau-gosto as bichas pintosas. Os *gays* viris situam-se pela valorização extrema do corpo. Ou seja, as *boates-clubes* podem se tornar locais para assumir mais a discriminação do outro diferente, do que mesmo o exercício de convívio com o estranho. O exercício de expor a diferença é praticado amplamente naqueles espaços. Essa estratégia de diferenciação é notada em relação à vivência das práticas homoeróticas nos banheiros. Assim sendo, é difícil ter uma pretensa unidade da própria condição sexual das pessoas, evidenciando-se mais uma teia de relações que se compõe por adeptos de diferentes práticas sexuais. Os

¹⁷ Essas categorias são utilizadas frequentemente no meio *gay*. *Barbies* são indivíduos musculosos e viris, *Drag-queen* são transformistas caricatas do gênero feminino, *Lesbian-Chic* são lésbicas femininas nos seus modos e bolachas são lésbicas masculinizadas. A respeito das casas noturnas, cito o nosso trabalho de campo feito na monografia de especialização em Antropologia cujo o título é *Dancing Gays*(COSTA NETO, 2002).

encontros entre homens para relações sexuais no banheiro estão envolvidos a situações de contatos impessoais e atos sexuais em si.

Por outro lado, a luta em defesa dos direitos civis dos homossexuais engloba questões como: o fim da discriminação homoerótica, o poder de registrar a parceria civil entre os cônjuges e a adoção de filhos. Os direitos conjugais dos *gays* e lésbicas tornaram-se um assunto que gera visibilidade social, ao expor elementos como a parentalidade, a herança e a partilha de bens. As formas como a conjugalidade aparece nas pesquisas acadêmicas e na imprensa mostram-se ecléticas, por não haver um modelo único. Algumas dessas uniões incorporam a possibilidade de adoção de filhos e co-habitação entre os parceiros. Assim, a vivência da conjugalidade tem variantes relacionadas geralmente às condições sociais relativas dos parceiros.

Diferente da conjugalidade, as práticas homoeróticas nos banheiros, são momentâneas entre duas pessoas ou mais. Percebe-se que o interesse naquele instante é o encontro sexual em si, são as variações de relações de relações sexuais possíveis que orientam as pessoas envolvidas. Portanto, podemos dizer que o homoerotismo corresponde a uma infinidade de contextos.

A conjugalidade homoerótica está tentando normatizar uma opção, na medida em que reproduz diversos modelos de convivência e transgridem os já conhecidos. Assim, mais modelos familiares emergem, baseando-se nas alternativas de vivência da sexualidade, incluindo a possibilidade de exercício da maternidade e da paternidade, sem necessariamente haver a reprodução biológica.

A discussão a seguir, sobre “identidade”, torna-se algo imprescindível para a nossa análise. Procuramos refletir sobre o assunto como elemento valioso, porque envolve

questões acerca das práticas homoeróticas. A princípio, descartamos a dicotomia entre social e sexual. Essa separação colocaria uma ordem reducionista ao tema.

Os debates sobre “identidade” levantam uma leitura política e social da compreensão da sexualidade. Nas últimas três décadas, com a consolidação do movimento homossexual, tentou-se discutir o conceito como uma forma “positiva” de expressão da sexualidade e escolha por meio de uma luta contra uma dominação de identidade homogênea. Vejamos como Guimarães (2004, p.57) argumentava, na década de setenta, sobre o conceito e como ele se formou em torno das práticas sexuais. Observa a autora:

A identidade homossexual, [...], não se refere somente às relações sexuais, mas engloba um estilo de vida, com normas e valores próprios –um mundo à parte.[...]A forma de expressar a identidade ‘assumida’ obedece a um modelo de apresentação pública conforme o ethos homossexual específico. Ou seja, a identidade homossexual ‘positiva’ remete à representação social do que é visto como positivo em cada contexto e situação.

Outra possibilidade de pensar a questão da identidade pode vista nas produções mais recentes. MacRae resgata um comentário de Foucault, em que afirma:

A identidade é útil enquanto for somente um jogo, um procedimento para manter relações sociais e de sexo/prazer, que criam novas amizades. Mas, se a identidade se torna o problema da nossa existência sexual e se as pessoas acham que elas devem ‘descobrir’ a sua identidade ‘própria’ e que esta deve se transformar na lei, no princípio e código de suas existências; [...] Se nós tivermos que nos reportarmos à questão de identidade, terá que ser uma identidade de nossa pessoa única.[...], se ela dá prazer às pessoas, mas não devemos concebê-la como uma regra universal. (MacRae *apud* Foucault, 1990, p.61)

Dessa forma, tem-se como pressuposto que as pessoas vivem contextualmente mais uma rede volátil do que uma identidade fixa. O desejo sexual por um parceiro do mesmo sexo torna-se um elemento entre vários que orientam a sexualidade, e qualquer um tem essa

condição potencial. Ele se articula na experiência pessoal. No nosso universo pesquisado, alguns *habitués* confessaram sentir um prazer por *voyeurismo*, masturbação coletiva e exibicionismo. Isso revela uma poliformidade de prazeres que se alinham mais sobre uma compreensão de variáveis do que numa elaboração da definição de identidade. Também podemos observar que, no meio dos *habitués*, os parceiros sexuais são conhecidos como *assumidos* e os *enrustidos*.¹⁸

Outro elemento posto como importante para o encontro sexual, é o tamanho do pênis. Quanto maior for a genitália, mais explícito ficou o encontro sexual. Assim, eles traçam essas construções para o encontro que se tem nas relações sexuais anônimas. A busca do parceiro sexual está inserida numa realização do desejo que extrapole uma definição sexual de si, mas na mistura de experiências e prazeres experimentados.

Nos seus discursos e nas falas, as palavras que se referem aos parceiros sexuais evidenciam o arsenal de gírias. Muitas expressões nos foram esclarecidas como agregadas a esses termos: “*Discreto*”, “*afeminado*”, “*másculo*” e “*viril*”. Na verdade, além de significar a realização do prazer sexual, é também a procura por categorias desenvolvidas a partir dos papéis sexuais e de gênero na relação. Nessa ordem, a conduta no comportamento sexual é observada como um determinante que estabelece um critério de diferenciação dos demais. Não estamos naturalizando, a partir disso, a questão como uma premissa importante para se entender os *habitués*, mas queremos mostrar a ordem construída no universo da *pegação*.

Os próprios espaços públicos escolhidos para a realização de práticas sexuais são também chamados de *lugares de pegação* por parte de quem se torna um *habitué* nas atividades sexuais anônimas. Existe uma série de termos e falas para descrever o encontro

¹⁸ Os termos *assumido* e *enrustido* são categorias. Os *assumidos* são pessoas que não têm nenhum problema em falar abertamente do homoerotismo. Já os *enrustidos* são as pessoas que não revelam uma postura em relação as práticas homoeróticas vividas nos banheiros. Essa divisão é muito tênue pelo fato de encararmos a

sexual, algo que separa dos demais freqüentadores. Os códigos e os símbolos nos gestuais são também diferenciadores nos momentos da procura do parceiro.

Assim, esse arsenal de gírias permeia as falas dos *habitués* que, muitas vezes, exprimem um jogo de códigos, olhares e táticas na hora da *pegação*. É um recurso de se manter a própria circunstância e diferença dos freqüentadores dentro das interações nos banheiros. As gírias dos *habitués* funcionam como mecanismo de coesão e comunicação sexual na medida em que os homens vão se socializando com a contínua experiência de *pegação*. As palavras vão sendo assimiladas e integram um estilo de abordagem.

A atividade sexual esporádica, sem ligação amorosa e anônima, aponta para uma outra forma de expressar a *sexualidade*. Essas são questões singulares de convivência e tolerância do erotismo estigmatizado. Observa Giddens (1992, p. 163) acerca disso:

A sexualidade episódica pode ser habitualmente um modo de se evitar a intimidade, mas também oferece um meio de promovê-la ou de elaborá-la. A exclusividade sexual é apenas uma maneira pela qual o comportamento com o outro é protegido e a integridade alcançada. [...], não está totalmente claro que a *sexualidade episódica* seja inerentemente incompatível com as normas emergentes do ‘relacionamento puro’.

Se o reconhecimento do casal *gay* está vinculado a um processo institucional, a tolerância das diversidades sexuais torna-se um fator a favorecer a convivência social entre as pessoas. Ambas estão associadas a questões éticas de relacionamento e ação social. Portanto, as relações sexuais nos banheiros públicos experimentam uma ética do desejo no “local”. Ao utilizar um mictório para encontros sexuais, os *habitués* dispõem de questões moralmente condenadas e são situados como desviantes. Por ser uma relação de anonimato,

sexualidade como algo dinâmico e em constante construção. Porém, a pesquisa de campo, revelou que essa classificação é muito comum no meio dos *habitués*.

o banheiro é considerado um local comum a qualquer pessoa e não apresenta associação com a idéia de homoerotismo.

As práticas sexuais, para os *habitués*, são feitas na condição de disfarce dos demais freqüentadores. Dentro de uma visão de dissimulação, os sujeitos que praticam atos considerados obscenos são passíveis de punições sociais e usados como modelos depreciativos. Destacamos essa singularidade pelo fato de que os contatos presentes são coesivos para o encontro no banheiro dos homens. Percebemos que se pode fazer tudo em termos de relação sexual, menos deixar-se notar por outros usuários.

Nesse caso, entendemos que a vivência da sexualidade é um modo de se privilegiar o *meio-termo*. Nisso, devemos tomar a *sexualidade* dos *habitués* como uma organização de identificação dos homens. Não existe uma classificação condicionante para os *habitués*. Só no encontro sexual afina-se, mostrando um objeto de desejo sexual determinado. Então, é melhor nos referir a uma rede de condições que fomentam o envolvimento igualitário.

O próprio espaço precisa ser recriado e ter esse privilégio de “neutralidade” para o exercício da prática homoerótica. É um ambiente razoavelmente discreto e, em alguns casos, garante uma interação para dar condições de realização do ato sexual. A estrutura do banheiro tem importância para o encontro erótico. Os recintos internos devem ser amplos e devem possuir as condições necessárias para a paquera. Assim, a prática sexual acontece de forma mais dissimulada entre os freqüentadores. As portas devem cobrir por completo as cabines e, do urinol, possa se ver o pênis do outro.

O banheiro público também deve possuir possibilidade de interação que se mostra regida pelos modos como os homens ficam acomodados. A ocupação interna e o envolvimento homoerótico são considerados elementos importantes, sem os quais nada

aconteceria. Só assim, então, processa-se o meio de comunicação que lhe é sutil e, ao mesmo tempo, seletivo para evitar uma recusa do outro.

Uma outra questão apontada nessas circunstâncias de envolvimento entre homens nos mictórios é a rapidez e a forma como acontece o ato sexual. As relações são sem vínculos e instantâneas e se organizam numa inversão das predisposições dos seus participantes, como por exemplo, um *voyeur* que acaba participando de um sexo grupal. Um frequentador desconhecido, que se deixa levar pelos olhares e movimentos dos outros, conhecerá o que pode ocorrer com as pessoas presentes.

Assim, o desejo é compartilhado por uma pluralidade de possibilidades e pelas circunstâncias motoras que determinam o prazer sexual. Os mecanismos que engendram a manifestação desse prazer foram investigados e revelaram uma polivalência no exercício da sexualidade. Conforme o estágio atual da pesquisa, diríamos que a interação sexual é uma complexa rede que envolve os *habitués* nos mictórios.

As trocas recíprocas de parceiros e as possibilidades de relações sexuais acontecem na especificidade de cada encontro. Para isso, é necessário perceber qual o desejo do outro e demonstrar o que lhe interessa enquanto sujeito à procura sexual. Todas as práticas sexuais são permitidas entre os *habitués*. Nesse clima de “liberalização”, a lei que rege os envolvidos é a do desejo. No corpo do outro se encontra o lugar do gozo sem demarcações e sem proibições. É a realização sem moralização, voltada para instituir, em minutos, uma conduta compatível com a vontade de cada um. Portanto, existe uma linguagem complexa que é compreendida e que necessitaria de ser aprofundada.

No nosso caso investigado, percebemos que as relações sexuais se deram, na maioria das vezes, sem o uso do preservativo; ainda que os *habitués* cheguem a seguir essa ordem, isso se dará em outros momentos. Colocamos esse dado, pois uma reflexão feita

acerca do uso preservativo ocorreu no período após AIDS e associou as relações anônimas como ele.

Notamos que os *habitués* têm uma tendência de fazer com que, em determinadas áreas de encontros constantes, esgote-se rapidamente o número de pessoas envolvidas. Então, é desenvolvida uma procura por novos locais e meios para se obtermos mais parceiros e experiências. A partir daí, pode-se desenhar uma cartografia para as práticas sexuais e, em certa medida, para os espaços que também se ramificam noutros ambientes públicos. O resultado disso será uma noção de *onde ir* e das variedades de escolhas para expor e ter novos encontros sexuais. A lógica da procura por novos espaços colabora para o *habitué* ter certas trocas de interações com quem frequenta sempre ambientes diferentes e onde possa ocorrer o maior número de relações sexuais.

Portanto, as práticas homoeróticas em banheiros públicos são uma referência a um estado de “estar-em-mutação” que nos é interessante, porque não afirmam uma padronização da *sexualidade*, mas também não deixam de instigar as facetas dos desejos, que continuam mudando. Ou seja, busca-se a realização do prazer por outros caminhos além dos normativos e generalizantes.

A prática sexual em banheiros públicos representa uma maneira de questionar a intimidade, a privacidade e a *sexualidade* como algo que não é funcional para os valores procriativos e até para o modelo que se cunhou como visível de homoerotismo. Essa prática busca interstícios culturais para a tolerância e o respeito para as suas orientações homoeróticas. A promiscuidade é um discurso sempre recorrente para as práticas sexuais em banheiros públicos, junto com a discussão de que as relações sexuais são feitas sem sentido.

O que existe em comum nas formas de homoerotismo não é alguma coisa correlata a uma unidade do desejo ou uma questão de interpretação do prazer sexual, mas são os valores de identificação gerados pelas experiências de vida. A partir delas, desenvolveram-se as práticas sexuais que se mostram nas várias formas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A razão para se investigarem as práticas homoeróticas em banheiros públicos foi a tentativa de desvendar o que só entendíamos como senso comum que é a visão de promiscuidade e banalização da relação sexual. É algo desafiador para organizar informações possíveis de mostrar, de forma científica e humana, a relação delas, como meio de torná-las adequadas ao espaço.

Sondamos as produções científicas que mostram o desenvolvimento tecnológico do banheiro na nossa sociedade Ocidental e também as pesquisas antropológicas ligadas à ocupação de espaços coletivos e às noções de público. O levantamento dos dados históricos e sociais foram feitos de uma maneira relacionada à sexualidade e a partir das críticas e sugestões surgidas em conversas formais e informais.

Quanto ao grafite, em princípio, foi-nos esclarecido que as frases no banheiro estão à parte do movimento do “grafite de rua”, existente nos espaços públicos urbanos. Os trabalhos produzidos sobre esse movimento enfatizam aspectos agregatórios ligados a símbolos étnicos, musicais e sociais bem específicos, pouco relacionados a questões sexuais.

Nas pesquisas sobre esses “atores urbanos”, nunca se explanou sobre o grafite feito no banheiro público, embora haja um núcleo comum a ambas as realidades: o uso do espaço público. Sabemos que as próprias pesquisas urbanas de grafite conseguem nomear esses atores, diferentemente do que podemos obter com os *habitués*.

Observamos pela “teoria do desvio”, já apresentada no capítulo I, não haver um estigma próprio aos *habitués* e ao seu contraponto. O que acontece na realidade são relações e interações que conduzem a considerar o uso do banheiro para a prática homoerótica como um desvio. Os *habitués* fazem parte das relações que podem classifica-

los e “estigmatiza-los”. A questão sexual em banheiro público é pensada no campo da sexualidade, particularmente do homoerotismo, como a expressão de uma diferença. Algumas pessoas observavam-na com certo desprezo ao saber das ações promíscuas. Mas existe outra diferença valorativa entre os *habitués*: notamos o exibicionismo, a prática sexual grupal e entre casais, além de outras variantes um tanto diferente das corriqueiras e tão importantes para a dinâmica da vivência da sexualidade. Os corpos, os papéis sexuais e o tamanho da genitália querem ser somente um convite aos prazeres que remetem para a busca da razão dos desejos.

Seria uma apropriação para capturar o parceiro sexual pelo código valorativo que coordena e veicula o encontro sexual. Essas gradações de valores, que estão na base dos elementos norteadores dos *habitués*, podem ser expressas nas técnicas de abordagem que vão do olhar à exposição do membro ereto. De alguma forma, essa dificuldade de entender, por parte de um frequentador comum, o código valorativo pode estar dando conta de organizar a nova ordem instantânea no banheiro. Uma “reterritorialização” no sentido de não-lugar por Marc Auge (1994), onde, no banheiro público, surgem dissimulados contatos possíveis além dos usuais.

A interação sexual pode constituir um hábito de pessoas irrestritas. Ficaram evidentes as circunstâncias adversas que coagem as relações homoeróticas acontecerem em banheiro público. Mostramos o momento em que expressam seus atos sexuais, as formas como os homens vão ao mictório e se servem de recursos engendrados pela circunstância. Eles se comunicam e praticam atos sexuais de forma a improvisar um universo cultural para os outros mais próximos, porém distantes do sentido inverso, vistos erroneamente pelo senso comum.

Foram denominados de *habitués*, por expressarem suas idas constantes e viverem situações contínuas, mas também por liberaram de forma criativa o ser cultural dentro de uma coletividade. Os relacionamentos sexuais vividos pelos *habitués* contêm regras e leis diferentes do modelo conjugal homoerótico. O centro do nosso objeto volta-se para as normas de vinculações sexuais “frágeis” ao vê-las mais comumente coesas de experiência.

A cultura impõe o comportamento das pessoas, as atitudes tomadas e os gestos que têm seu lugar apropriado no tempo e na ordem espacial. Ela estabelece relações e hierarquias. Os lugares públicos podem ser considerados impróprios e neles se instaurara uma ambivalência ritualística. O homoerotismo em banheiro público e as mensagens de grafite compõem um certo ritual de trocas simbólicas, assim como tantos outros da nossa cultura. Feito o sexo e deixada a mensagem grafite, arruma-se a roupa, lava-se as mãos para voltar à vida cotidiana e aos afazeres comuns. Fica com a certeza de que algo foi levado e outro foi deixado no banheiro público.

É nessa ordem para viver as normas sociais que se encontram as brechas que encorajam a outras ações voltadas à prática sexual e contra a proibição. No banheiro, segue-se a regra da própria permuta instaurada. Os *habitués* aceitam a produção da interdição social, cumprem involuntariamente a função de confirmar a ordem exterior e transgredi-las ao mesmo tempo.

Assim, podemos pensar nos encontros sexuais e nas mensagens do ponto de vista da inserção no intercâmbio. E não só exclusivamente no sentido de ordenar a troca e sim “dizer” quais os parceiros são potenciais nessa interação. Assim, o proibido torna-se algo “positivo”, quando se instrumentaliza a circulação de desejos e agregação de prazeres.

A erotização do espaço público representa uma singularidade: os estigmas postos sobre um ato sexual, feito no anonimato de uma cabine, viram operadores de uma inclusão.

Mas a prática sexual dentro do banheiro coletivo existe na convivência com o local posto. Um espaço escondido e discreto, num isolamento para encontrar o outro.

As abordagens da paquera são feitas pelos detalhes na maneira de olhar, na forma de se posicionar dentro do recinto e até no andar por ele. Os *habitués* procuram criativamente uma variedade de indícios que revelem a aventura de paquerar dentro do mictório. A *pegação* está ordenada em si mesma como um “por acaso”. Investir nesse “por acaso” parece ser onde reside um tipo de encantamento pelas relações sexuais anônimas em locais públicos. De um momento para outro um banheiro qualquer pode virar local de códigos e regras de aproximação entre os freqüentadores.

Nos momentos de paquera, os *habitués* são guiados pelo desejo de realização de um ato sexual “espontâneo”. O olhar vai tornar o movimento do outro um tanto sensual; abrem-se libidos para uma pessoa desejante entre os demais. O movimento seria entendido pelo cálculo valorativo aos corpos. Quebram-se as fronteiras que os separam e assim são borradas as segmentações mais amplas da ordem social. Os *habitués*, ao paquerarem, tornam-se um coletivo de pessoa desejantes.

Devemos ressaltar também a existência de *habitués* num estado de nomadismo e sedentarismo que não se orientam pelo desejo de realização de um ato sexual. Os *habitués* tornam-se peregrinos tanto nas idas à procura de práticas sexuais, quanto percorrendo itinerários, tendo como pano de fundo a estrutura da Universidade em seu cotidiano. Os *habitués* usam circuitos que perpassam outros sujeitos alheios; uma mobilidade de ir se abrindo em circuitos entre os banheiros. Quanto aos *habitués* sedentários, observa-se uma certa reserva para com os demais. Nunca saem do ambiente interno, estão sempre dispostos a ficar horas a fim de conseguir um parceiro sexual. São tão presentes em determinados

mictórios, que se tornam conhecidos por todos os outros e por sinais que são escritos em mensagens sobre eles no próprio banheiro.

As mensagens situam-se numa margem de dispositivos da literatura “oficial”, dos textos de qualidade estéticas e reconhecidos pela academia. Um trabalho pertinente para as áreas de semiótica e literatura que, neste trabalho, mostrou-se carente de análise. A produção dos grafites constitui a fundação de um espaço próprio de linguagem, como observamos no capítulo II. Os exemplos citados em relação ao homoerotismo, à questão da passividade sexual, às vantagens de ter um pênis avantajado e outros, tudo escrito numa linguagem própria e de domínio público comum.

São diálogos que desenvolvem um humor escatológico e pornográfico. Entretanto, uma pessoa que freqüente o banheiro da UFRN poderá notar semelhanças e diferenças entre grafites de outros banheiros públicos de nossa Cidade.

Outro ponto que fica para ampliar a reflexão é a própria arte dos desenhos feitos nos banheiros públicos. Apesar de constituírem uma pequena parcela, eles são de grande valor para uma pesquisa das artes plásticas, disposta a investigar nas portas e paredes o traço e a colocação destes.

Há um vasto debate sobre a possibilidade de pensar e estudar a *sexualidade*. O trabalho aqui exposto demonstra outras questões comuns à prática homoerótica. Para além das possibilidades de uma identidade sócio-sexual e, até certo ponto, aceitáveis em algumas circunstâncias, a vivência do erotismo entre homens, em ambientes clandestinos, deve ter um olhar especial, pois se trata de uma condição possível de alguns sujeitos que desejam experimentar a dimensão do afeto e do carinho.

A prática homoerótica anônima não se situa como algo fixo nas pessoas, mas, à medida que interagem e experimentam, elas configuram o seu reconhecimento afetivo e

social de uma forma diferente do modelo de conjugalidade preestabelecido. Entre os inúmeros debates e as vastas produções acadêmicas sobre *sexualidade* e homossexualidade, elaboram-se novas conduções na construção cultural dos desejos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Miguel Vale de. **Senhores de si**: uma interpretação antropológica da masculinidade. Lisboa : Fim de século, 1995.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas:Papirus, 1994.

ARCE, José Manuel Valenzuela. **Vida de barro duro**: cultura popular juvenil e grafite. Rio de Janeiro: UFRJ,1999.

ARON, Raymond. **As etapas do pensamento sociológico**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ARRUDA, Victor. Retrato 3x4. **Sui generis**, Rio de Janeiro, ano 6, n.55, p.26-31, 15 mar. 2000.

AZZAN Júnior, Celso.**Antropologia e interpretação**: explicação e compreensão nas antropologias de Lévi-Strauss e Geertz. Campinas: UNICAMP, 1993.

BARBOSA, Gustavo. **Grafitos de banheiros**: a literatura proibida. São Paulo: Brasiliense, 1984.

BERGER, Peter. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1985.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BOZON, Michel. **Sociologia da sexualidade**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

BROWN, Peter. Antiguidade tardia. In: VEYNE, Paul (Org.). **História da vida privada**, 1: do império Romano ao ano mil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p.195- 240.

CAMILLE, Paglia. **Personas sexuais**: arte e decadência de Nefertite a Emily Dickinson. São Paulo : Companhia das Letras, 1992. p. 36.

CANTONNÉ, Jean-Philippe. **A sexualidade, ontem e hoje**. São Paulo: Cortez, 2001. (Coleção: questões de nossa época). v.40

COSTA, Jurandir Freire. **A inocência e o vício**: estudos sobre o homoerotismo. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.

_____, Jurandir Freire. **A ética é o espelho da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

COSTA NETO, Francisco Sales da. **Dancing Gays**: o poder da vogue & o avesso de Natal. 2002. 69 f. Monografia (Especialização em Antropologia na cidade: teoria, trabalho de

campo e método) – Departamento de Antropologia, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2002

COLIN, Spencer. **Homossexualidade**: uma história. Rio de Janeiro: Record, 1996.

DALL'AGNOL, Raymundo. Grafitos, catarse do coletivo. **C&T**, Recife, p.203-213, jul./dez.1980.

DANTAS, Antonio Ribeiro. **A representação da homossexualidade**: a “leitura” da imprensa escrita. 1989. 114 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Departamento de Ciências Sociais, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 1989.

DIBIE, Pascal. **O quarto de dormir**: um estudo etnológico. Rio de Janeiro: 1988.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

DOVER, K.J. **A homossexualidade na Grécia antiga**. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

DUMONT, Louis. **Homo hirarchiucus**. São Paulo: EDUSP, 1983.

_____. Louis. **O individualismo**: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. v.2

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**. Rio de Janeiro: Graal, 1988. v 2: o uso dos prazeres.

_____. Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FRY, Peter. **Para inglês ver**: identidade e política na cultura brasileira. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

GENET, Jean. **Querelle**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor erotismo nas sociedades modernas. Tradução Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1993.

GUIMARÃES, Carmem Dora. **O homossexual visto por entendidos**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004. (coleção sexualidade, gênero e sociedade. Homossexualidade e cultura).

HÉRITIER, Françoise. **Masculino feminino**: o pensamento da diferença. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. **Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

HUMPHREYS, Laud. A transação da sala de chá: sexo impessoal em lugares públicos. In: RILEY, Matilde. NELSON, Edward. (Org.). **A observação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973. p. 150-164.

KATZ, Jonathan Ned. **A invenção da heterossexualidade**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

LEAPARGNEUR, Hubert. **Antropologia do prazer**. Campinas: Papirus, 1985

LOPES JÚNIOR, Edmilson. **A construção social do prazer**: Natal. Natal: EDUFRN, 2000.

MACRAE, Edward. **A construção da igualdade**: identidade sexual e política no Brasil da “abertura”. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

MARINHO. André Luiz Santana. **No escurinho do cinema**: práticas homoeróticas no cinema Nordeste. 2000. 61 f. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) – Departamento de Antropologia, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2000.

MARTIN-BARBERO, Jesus. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. 2ª ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Epu: Edusp, 1974. v. 1

MISSE, Michel. **O estigma do passivo sexual**: um símbolo de estigma no discurso cotidiano. Rio de Janeiro: Achiamé, 1979.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Sobre o pensamento antropológico**. Rio de Janeiro/Brasília : Tempo brasileiro/CNPQ, 1988.

PARKER, Richard. **Abaixo do Equador**: culturas do desejo, homossexualidade masculina e comunidade gay no Brasil. Rio de Janeiro: Record, 2002.

PELLEGRINI FILHO, Américo. Grafitos populares. **Folclore**, Recife, n.126, set.1982. Não paginado.

PEREIRA, Carlos A. Messedy. Desvio ou reprodução: o estudo de um “caso”. In: ROCHA, Everardo P. Guimarães et al. **Testemunha ocular**: textos de Antropologia social do cotidiano. São Paulo: Brasiliense, 1984.

PERLONGHER, Nestor. **O negócio do michê**: a prostituição viril. São Paulo: Brasiliense, 1987.

POLLAK, Michel. A homossexualidade masculina, ou: a felicidade no gueto? In: Ariès, Philippe; Béjin, André (Org.). **Sexualidades ocidentais**. São Paulo: Brasiliense, 1985. p.54-76.

VINCENT, Gérard. O corpo e o enigma sexual. In: PROST, Antoine; VICENT, Gerard (Org.). **História da vida privada**, 5 : da primeira guerra a nossos dias. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.p.307-389.

QUEIROZ, Amaury Oliveira de. **A filosofia dos banheiros públicos**: uma análise das mensagens dos banheiros da UFRN. 1983. 32 f. Monografia (graduação em Comunicação Social) – Departamento de Comunicação Social, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 1983.

SIMMEL, Goerg. **Sociabilidade**: um exemplo de Sociologia pura e formal. In. MORAIS FILHO, Evaristo (Org.).São Paulo: Ática, 1983.

SILVA, Aguinaldo.**Memórias da guerra**. Rio de Janeiro: Record,1986.

SILVA, Hélio R. S. **Travesti**: a invenção do feminino. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993.

SULLIVAN, Andrew. **Praticamente normal**: uma discussão sobre o homossexualismo. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso**: a homossexualidade no Brasil,da colônia à atualidade. São Paulo : Max Limond, 1986.

VELHO, Gilberto (Org.). **Desvio e divergência**: uma crítica da patologia social. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

ANEXOS

ÁREA A**BANHEIRO MASCULINO BLOCO G****PORTA 1**

“Sabe aquele KCT que você sempre sonhou? Bem, sou másculo com 20 cm de tora doidinho para te fuder. Tenho 19 anos. Dispenço afeminados. Esse recado é para bombados, jujiteiros e militares 20/05/04 Deixe recado”

(resposta)

“Como faço para lhe encontrar?”

(resposta)

“Hoje, aqui as 12:00h 21/05/04 O.K?”

“05/02/2004

Quero passivos para foder. Tenho 19 anos, branco 23 x 9 cm de pica e quero botar todinha no seu cu”

(resposta)

“me contacte raptorsexo @ bol.com.Br”

“Quero ser iniciado por um cara discreto e liberal deixe tel 26.08.02”

(resposta)

“Aguarde que entrarei em contato 30.08.2002”

“Quero um macho ativo deixe contato”

PORTA 2

“Alô calouro, ta afim de sexo? Raptorsexo @ bol.com”

“Quer comer meu cu?

Hoje é 10/11/2003”

“Hoje, eu dei para um cara c/ 23 cm de pica, depois que ele me comeu, em meu cu minha boca c/ gala, senti cada prega ao redor...”

MENSAGEM ESCRITA NA DESCARGA

“Adoro mamar gnatal200@ yahoo.com.Br”

AREA B**BANHEIRO MASCULINO BLOCO E****PORTAS 1**

“Quero da o cu
mas como estou comessando agora
quero pomba pequena e fina,
os interessados deixe n° para contato.”

“Samuelhugues @ com.br”

“Quero trepar
marque que venho só a noite”

“(rasgura) Letra 2001.2
Gostoso. Eu comi aqui”

“Blind Guardian”

“Fonopsia@yahoo. Com. Br”

“Eu quero transa com um macho bem gostoso, quero chupar seu cacete até que goze em
minha boca e depois penetrar.
Sublime tesão!
Deixe seu celular que eu ligo”
(resposta)
“XX04 6616
XX21 0872

“Entreiguais 69@ hotmail. Com
ou , 1,81 m, 82 kg, 20 cm de pau
Sou ativo/passivo, tenho local.
Outubro/2003
(resposta)
“entre em contato
tinox @bol. Com. Br
ficarei aguardando”

“Quero chupar uma pica”

“sexo? Raptorsex @bol. Com. Br”

“ Sou A/P Adoro sexo
bacante @yahoo.com.Br”

“Gala na boca das putas,
varas no cu e na buceta.”

“Ta afim de curtição. Me conheça
Sou M 1,65 A/P
Gosto de brincar em cima
de um pau. Tenho 19 anos
estudo Psi. Noite ta!!!
Ou ligue XX09 8112.”

PORTA 2

“Toda 1ª semana do mês tem surubão ‘valetudo’ só para macho (ativ.pass) participe vc também. Informação XX371429”

“Se você curte fica a dois com muito prazer e excitação, precisa me conhecer.
Garanto que deixo você louco
Ta afim deixe recado.”

(resposta)

“Eu quero quando?”

(resposta)

“Vi seu recado em 18.12.2003
ligue 94098112.”

“Kurt cobai was here”

“venha terminar de arrombar seu cu (23.03.2004)”

“Vamos fuder 3ª e 4ª após 9:00 hs (28/10/2003”

“Eu quero dá aqui as 16:30 22/12/03”

“Ainda procuro alguém para gostosas brincadeiras.(02/out/2003)”

(resposta)

“Acho que vc encontrou/como posso saber + sobre vc? (08/10/2003)”

(resposta)

“Entre em contato comigo via email.”

“ Quero rola ligue XX17-8055
machos gostosos”

“Comi o cu de Amanda (letras) aqui!
Ela paga muito bem uma boquete.”

“Sou Ativo/passivo, se tiver

afim de me encontrar, mande um email p/
moa @bol. com. br”

“Vão dá o cu bando de gay!”

“Tudo aqui não vale nada!Escreve o anticristo.”

“Bucetas gordas quero chupar.”

“sharivan”

“ Essa é a nossa face negra do mundo”

“ Sarg. Bombeiro 26 anos casado
morenaço 1, 78 72 Kg sarado
20 cm de mangueira dupla bem vindas
ativ/pass. XX18- 5503
herculanoferraz @ bol . com. br.”

“Beba gala”

(resposta)

“Eu quero. 22/03/04”

“XX07-9793 pago 30,00”

“Casal de bi
vanessakalil28 @ hotmail. Com
para cars bi ativos/passivos.”

“alguém conhece uma puta?

Qual o seu fone e nome”

“Nabucodonozor23@ zipmail. com. br ”

“ Quero rola e comer seu cu também! (09.04.2001)”

“Eu quero cara discreto XX15- 2041”

“Ontem tirei a virgindade de minha namorada ela se deitou na minha frente pegou meu pênis, bateu punheta, expo a enorme (nome indecifrável) da glande, estava tarado. A boca chupou até ser lambusada por jatos gordurosos de esperma...cobri a plenitude de seu rostinho com uma grossa camada de gala quente e pegajosa. Enquanto ela deliciava meu salgado sumo, deixei sua calcinha e expus seu fundão macio. Fiz a rola ereta deslizar as flanduras anais e vaginais em berros e palavrões afundi o cacete até o saco em sua xoxota virgem. Esfolei suas carnes vaginais, viscosas e succulentas intronizei o pau e a fiz subir e descer, enquanto apalpava suas coxas. Sodomizado, arrombado e buceta dedada”
(resposta)

“Aí mente!”

“Faço tudo pelointimo@ig.com.Br”

“chupo rola 17.04.04”

“tenho um pauzinho básico 18 cm e que enterra-lo no seu cu. Deixe recado”
(resposta)

“Eu quero XX223072”
(resposta)

“e eu tenho um de 21 cm otário”
(resposta)

“empurre no rabo da tua mãe aquela puta”

MENSAGEM ESCRITA NA PAREDE DO URINOL

“ No RN 75% dos homens são gay encubados. E as mulheres gostam de outras, haja saps!!!”
(resposta)

“Macho só tem em PE”
(resposta)

“ e no CE, PB,AL e BA”
(resposta)

“ Erro de concordância (acerca de gay)”
(resposta)

“ficou empolgado em conseguir um macho, não foi?”

BANHEIRO MASCULINO DO BLOCO A

PORTAS 1

“Gordas!!! Quero bucetas gordas!!!”

“Quero comer a bunda de um barbudo (abril/2004)”

“Quero da e chupar 18/12/2004”

“Sou virgem ! Gosto de sarra
c/ ã afeminados seg-qua-sex manhã
gatomolhado30 @ hotmail, com abril/2004”

MENSAGENS ESCRITAS NA PAREDE DO URINOL

“75% dos homens do RN são gay1 enrustidos!”

(resposta)

“oba sobra boceta em banda de lata!!!”

(resposta)

“É o pica de aço!!!”

SETOR III**BANHEIRO MASCULINO BLOCO A****PORTA 1**

“23/04/04

Quero ser chupado

Marque:

(resposta) “Deixe e-mail ou fone 29/04/04”

(resposta) “Totalfun@ bol. Com. Br”

(resposta) “dia 07/05 20:30

(resposta) “marque de novo 26/05/04”

“O meu e-mail é meia mole meia dura@ pau.com.Br”

“Eu quero buceta”

“Se vc quer ser mamado e curte sexo a três”

(resposta)

“Eu curto ligue XX16-7104”

“Quero comer cu e ser chupado deixe contato”

“Se homossexualismo fosse correto Deus teria feito Adão e Ivo”

PORTA 2

“Se vc curte ser mamado e sexo a três deixe contato”

(resposta)

“ligue XX16 – 7464”

“Casal bi, ele bi ativo/passivo

procuramos bi ativo/passivo para transar a três: vanessakalil28 @ hotmail. Com

gatomolhado30@ hotmail. Com”
 (resposta)
 “Tô afim XX16-7164”

“Quero comer e ser chupado responda”
 (resposta)

“Não tenho nada a ver com isso, mas se vc quer ser chupado, então deixe seu e-mail ou fone. Tenho 18 anos e to afim de fuder e chupar 06/05/04”

“Aurélio é fresco”

“A mãe de Luiz é puta”
 “Discreto XX08-(rasgurado)”

MENSAGENS ESCRITAS NO BANHEIRO BLOCO E

PORTA 1

“Sou ativo/passivo 20 cm de cacete XX18 5503 vale tudo só para machos de verdade”
 (resposta)

“Que macho de verdade vai procurar outro macho?”
 (resposta)

“Esteja aqui em 24/08/04 as 18:00 hs Ferraz”

“Tenho passado todo dia aqui, à tarde e não acontece rola pra chupar, se vc é bonito, tem cacete enorme, garanto a vc não vai se arrependerá da chupada. Estou aqui de seg a sext 16:30 a partir desse horário. Contatos; funtotal @ bol. Com.Br”

“Quero dar XX17 9924”

“Sou magrinho, discreto, peludo, porém passivo aldogaruz35 @ yahoo.com.Br setembro2003 aguardo contato”

“Atenção quem *quizer* ser chupado e comer meu cu me procure no setor II dia 28/01 no banheiro do bloco E as 16:30(13/01/04)”

“Sousavinicius@bol.com.br”

“ Quem quiser ser chupado e quiser comer um cu... ligue 8823-8053”

MENSAGEM ESCRITA NA PAREDE

“XX18 5503”

MENSAGENS ESCRITAS NO BANHEIRO BLOCO G**PORTA 1**

“Quero ser chupado 29/09/04

(até gozar) marque:”

(resposta) “05/10 – 16:30”

(resposta) “De seg. a sex. nesse horário (18:30) se poder, marque em outro horário espere aqui.”

(resposta) “vou ficar vindo neste horário a partir de hoje (21/10)”

“quero ser chupado marque:”

(resposta) “estive aqui 20/04/2004”

(resposta) “Qual o tel?”

(resposta) “gnatal200@yahoo.com.br19/08/04

(18:00) ou 20/08/04 ou 24/08/04 às 18:00 h até 18:30 h”

“desenho de um pênis”

PORTA 2

“desenho de uma relação anal”

“soueumesmo200@yahoo.com.br”

“quero conhecer um carinho que seja submisso na cama. Tenho 29 anos, 1,80, 76 K moreno claro e peludo. Fone 88033229. Pedro 26/06/04”

“Pelointimo@ig.com.br”

“Se homossexualismo fosse correto...Deus teria criado Adão e Ivo!”

AREA E**BANHEIRO MASCULINO BLOCO A, B E G**

Não foram encontrados grafites e desenhos nos mesmos.

BANHEIRO MASCULINO BLOCO E**(DESENHOS E MENSAGENS ESCRITAS NAS PORTAS)****PORTA 1**

Desenho de uma relação sexual entre um homem e uma mulher

PORTA 2

“Quero chupar 9976-2463 Chupo bem gostoso.”

Resposta: “viado morra”

AREA D**BANHEIRO MASCULINO BLOCO C
(MENSAGENS ESCRITAS NAS PORTAS)****PORTA 1**

“*kero* negro dotado! Sou jovem, peludo, discretíssimo, só sexo deixe email”

“pelointimo@ig.com.br”

“Passivo, 23 anos, topo tudo quero um ou 2 caras.”

“8817 1191 – rapazes bonitos entre 17 e 22 anos”

“Dão e chupão: Azul, Dantas e Cláudio. Vigias gays da UFRN.”

Resposta: “Índio também”

“Xô, desGXXaça de doutora fulera!!!”

“Comi o prof. Adriano na UNP”

PORTA 2

“XX17 119 rapazes bonitos”

“Evite os falatórios profanos, entrega teu caminho ao senhor”

“XX76695 – Boy”

“Se você gosta de ver sua mulher ou namorada ser enrabada e chupada por um moreno deixe um contato aqui.”

“Pelointimo@ig.com.br”

MENSAGENS ESCRITAS BANHEIRO DO BLOCO E

PORTA 1

“ Faço a três 974-5490”

“9997-6695- Boy”

“vascagay”

“Pesquisa no campus: Macho 90% (estou nesses %), bichas 70%. Exatas: bichas 1,00%, humanas 99%”

Resposta: “ Nem todo viado faz humanas, mas todos que fazem humanas são viados. Ass. Exatas”

Resposta: “ Os alunos de exatas não gostam de humanas”

“Quem já comeu a professora Maria marque X:(seguem uma seqüência de x)”

“Professora Maria ...Sapatão”

“ Salviano come Hélio”

Resposta: “Então me dá o tel. Dele q. cu quero dar!”

“Jesus ama vocês”

“raptorsex@bol”

PORTA 2

“Exterminador de bichas e gays. Cuidado filhos de uma puta, se eu pegar, eu mato.”

Resposta: “Então você é um suicida”

“88359782 tenho 17cm de pau...sou moreno e gostoso, quero cuzinho.”

Resposta: “ Quero conhecer você! Pago se for bonito. Só chupo! Marque! “

“Aquele viadinho moreno, 1,70 m que eu enrabei aqui ano passado passe o email para combinarmos uma nova foda.”

Resposta: “Não fui eu, mas se quiser me enrabar tu me envie um email: gatomalhado30@hotmail.com”

“Quero cu. Deixe recado.”

Resposta: “XX43490 Lucas”

“XX152010”

“XX411591 Passivo”

PORTA 3

“Chupo tudo marc-hsx@bol.com.br”

“Quero pênis ligue-me XX242679”

“Quero Pênis onde encontro?”

“XX976695 – 19 anos”

“Quero ser enrabado por um zelador”

“Venho 2ª (31.05) mas preciso saber, como eis?”

“Quero pica raptorsex@bol.com.br”

CENTRO DE CONVIVÊNCIA –**MENSAGENS ESCRITAS NAS PORTAS DO BANHEIRO MASCULINO****PORTA 1**

“50 reais 3 horas (desenho de um seta) Sarg. Ferraz bombeiro ativo/passivo 20 cm de *magueira* XX185503

Herculanoferraz @ bol.com.Br

Aceito duplas”

“obrigado *pela* ligações foram até agora 120 chamadas. Valeu continue ligando”

“quero vc ass. Bombeiro”

“Sexo? raptorsex@ bol. Com. Br”

“Quer dá o cu ou comer um ? nos escreva clubedos100compromisso@ yahoo.com.Br”

“29 anos macho adoro pica XX51 6231”

“este é um lugar de meditação profunda, onde a merda bate na água e água bate na bunda.”

“Quero fazer sexo a três Lucas (telefone riscado)”

“Quero grupo ligue XX11 53 41 Marcelo”

(reposta)
 “ligue XX74-549”

“Procura-se alguém para namoro ou algo + de 19 a 40 anos XX223972 solt/casado (14/10/04)”

PORTA 2

Trevellato@ bol. Com. Br clinico geral do sexo morenaço, 1,77 72 kg, 20 cm de cacete grosso e cabeçudo.”

“ Siga Jesus”

“anjosrael1981@ bol. Com. Br ativo discreto”

“Deus existe”

“Deus é pai e nos ama”

“ Só Deus salva”

“o velho viado é maníaco neste banheiro”

“Só o amor traz a paz”

“Procura-se alguém para namoro ou algo + de 19 a 40 anos XX223972 solt/casado (14/10/04)”

PORTA 3

“Desenho em toda a porta de uma relação sexual no qual um pênis penetra a vaginal”

BIBLIOTECA CENTAL ZILA MAMEDE

MENSAGENS ESCRITAS NAS PORTAS DO BANHEIRO MASCULINO

PORTA 1

“Quero chupar!

Fone:

Dia:

“Chupa pau eroide_Brasil @ yahoo. Com. Br”

“Eng. Mecânica”

“Jesus Voltará”

“Deus, me ajude !!!”

“adoro picão 29 anos 9451 – 6231”

“Usptorres @ zipmail. com.Br
escreva-me”

“Quero comer o cu de um universitário virgem telef XX23 – 4526”

“bicha é mutação mesmo, mas com características selecionadas, melhores adaptadas na natureza”

(resposta)

“E os preconceituosos não, com o tempo entra em *extinsão*”

“Vamos foder hoje me ligue O. K. XX67 0776”

“Não existe mulher feia, você é que bebeu pouco (anônimo)”

“coma a minha namorada. XX441268”

“Coma o meu cu tel. XX08 1604”

“Levei 22 cm no cu aqui.”

(resposta)

“ você é uma bicha fuleira não aguentou, cagasse todo”

(resposta)

“agüentei sim!! Até o tronco!”

(resposta)

“vão comer priquito”

“Geraldo Gurgel da TV cabugi tem um pau de 23 cm e é grossa. Sofri para agüenta mas foi bom”

(resposta)

“me dê o fone dele”

“Um cara chupou meu pau e meu cu. Foi a primeira vez no cu. Foi legal!”

(resposta)

“Sorte sua, eu quero dar meu cu e não consigo.”

(resposta)

“Pederastas imundos vão comer vagina”

(resposta)

“Só se for a tua bicha enrustida”

“liga p/ me eu chupo e tomo sua gala toda XX17 0234”

“você são malucos”

(resposta)

“Malucos?!!! Eles são é muito machos! Agüentar um cacete no meio da bunda não é para qualquer um não!! Eu, particularmente, não me acho macho suficiente pra ser boiola!!”

(resposta)

“aproveita tolinho”

“Eu quero comer seu cuzinho”

(resposta)

“Eu quero da o cu ligue para mim XX21 6775 / XX14-6880”

PORTA 2

“Nessa universidade só tem bicha. Morte as bichas vergonha do mundo.”

(resposta)

“Bichas são seres evoluídos futura da nação”

(resposta)

“bichas são mutações da natureza”

(resposta)

“ erros na matrix”

“Vocês são todos babacas”

“ Sorria você esta sendo filmado”

“Enquanto no mundo *existi* pessoas egoístas será a desgraças da humanidade nos *pudemos* mudar essas injustiça ajudando uns aos outros.”

“A medida do homem é o homem (confúσιο)”

“ Ele vive e voltará”

“falem negrodeolhosvermelhos @ yahoo. Com. Br”

“Se homossexualismo fosse correto deus teria criado Adão e Ivo!”

(resposta)

“Quem não garante q Eva ã era Ivo?”

(resposta)

“A reprodução sexuada imbecil!”

“kauã, bati uma punheta bem gostosa enquanto imaginava que comia seu cu seu baitola!”

“Quero um pau bem grande de no mínimo 19 cm e no máximo 26 cm. Não sou virgem, tem ...anos e sou bonito de longe ligue XX26...”

“Felipe ativo 21 cm”

(resposta)

“aparece aqui sexta 12:00 h q/ dou um toque para vc!”

“Oi sou ativo, tenho 19 c(resposta)

m e estou doido para meter no seu rabo.”

(resposta)

“homem de pau grande tem o cu gostoso, posso ligar . Tiago XX616448”

(resposta)

“E o pau dele é muito gosotos, já levei todo!”

“Bichas XX13 4952”

“coma meu priquito XX44 1268”

REITORIA

MENSAGENS ESCRITAS NAS PORTAS DO BANHEIRO MASCULINO.

PORTA 1

“Quero ser chupado, gozar no meio das suas coxas. Marque a tarde p/ os dias 4 ou 6/02/02”

resposta

“Você é um gay bastante depravado!”

resposta

“marquei com vc mas infelizmente ã poderei vir.”

resposta

“ o mundo é do ipocrita”

“Para macho másculo que estão afim de um amasso esteja aqui 09/08/04 as 18:30”

resposta

“ouve um problema não deu pra mim vir mais se quiser vir quinta 12/08/04 as 18:30 estarei esperando.”

resposta

“Estudante de humanas são todos burros e isso é verdade porque não conseguem um emprego que ganhe 2.000 reais por mês com 25 anos e nem com 50 anos.”

(acrescenta)

“se alguém responder o que eu escrevi porque ficou com raiva, eu banco o jogo seus otários babacas, acéfalos, q. f. de”

“Você deseja fazer sexo ligue para o papo legal. Fone XX01 – 2030 serviço de caixa postal. Entrem”

“Sou branco; 1,70 m; 69 kg; liso; peito/barriga; discreto; másculo; ativo/passivo; 18 cm; aréola anal elástica; gostoso – marque encontro.local (*colocam resposta*: Próxima seg (dia 02) data:(*respondem*: aqui 1:30)”

“Sou loiro, bonito, másculo, 22cm de cacete, fortão, louco para ser possuído por um macho de verdade. Gosto de bem dotados e negros” deixe recados”

resposta

“Quero fuder com vc esteja aqui quinta 16/09/04 as 18:30.”

resposta

“Não deu pra vir deixe seu nº celular”

resposta

“venha de novo 07/10/2004”

“Sou moreno 1,80, gosto de 20 cm de tora que esta quase esportando. Afim de caras sarados. Se você é sarado, jujiteiro deixe recado 21/04/04”

PORTA 2

“Quem é você”

“De onde você veio?”

resposta

“da tua mãe”

“Tive uma experiência de três foi maravilhosa. Queria ter novamente mas com outra dupla. Se você tem alguém que deseja junto com você, vamos aproveitar a vida pois só temos uma. Marque “

“Pelointimo@ ig.com.Br”

“Quero ser chupado esteja aqui sexta-feira dia 30/07/2004”

“Curto caras discretos e másculos marcosags2003@ yahoo.com,Br nov.2003”

“boycilcone 100% inferno “

“Justo, eterno, santo, único salvador”

“Quero chupar um pau marque aqui amanhã (03/09/2003)”.
Resposta:

“Remarque que virei 23/09/2003”

“Quero fuder com 3 homens ligue para mim”

